



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS:
LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA FRANCESA**

FRANCINALDO DE SOUZA LIMA

**ANÁLISE DA “NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE
HOJE” DA BÍBLIA À LUZ DA ANALÍTICA DA
TRADUÇÃO DE ANTOINE BERMAN**

CAMPINA GRANDE - PB

2016

FRANCINALDO DE SOUZA LIMA

**ANÁLISE DA “NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE
HOJE” DA BÍBLIA À LUZ DA ANALÍTICA DA
TRADUÇÃO DE ANTOINE BERMAN**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Letras - Língua
Portuguesa e Língua Francesa do Centro
de Humanidades da Universidade
Federal de Campina Grande, como
requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras – Língua
Portuguesa e Língua Francesa.**

Orientadora: Prof^a Dr^a Carmen Verônica de Almeida Ribeiro Nóbrega.

CAMPINA GRANDE - PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

L732a Lima, Francinaldo de Souza.
Análise da "Nova tradução na linguagem de hoje" da bíblia à luz da analítica da tradução de Antoine Berman / Francinaldo de Souza Lima. – Campina Grande, 2016.
84 f.

Monografia (Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Língua Francesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Carmen Verônica A. R. Nóbrega".
Referências.

1. Tradução Escrita. 2. Tradução Bíblica. 3. Análise da Tradução. 4. Linguagem Contemporânea - Tradução Bíblica. I. Nóbrega, Carmen Verônica A. R.. II. Título.

CDU 81'255 (043)

FRANCINALDO DE SOUZA LIMA

**ANÁLISE DA “NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE” DA
BÍBLIA À LUZ DA ANALÍTICA DA TRADUÇÃO DE ANTOINE
BERMAN**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua
Francesa da Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial à conclusão de curso
de graduação.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Carmen Verônica de Almeida Ribeiro Nóbrega – Orientadora/UFCG

Profa. Dra. Sinara de Oliveira Branco – Examinadora/UFCG

Prof. Dr. Garibaldi Dantas de Oliveira – Examinador/UFCG

CAMPINA GRANDE – PB

2016

A Luciana e Sebastião, meus pais, que não se importaram em multiplicar os calos de suas mãos para que as minhas folheassem os livros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais que sempre fizeram de tudo para que eu almejasse coisas maiores e tiveram que lidar com minha ausência ainda mais acentuada nesses últimos meses. Aos meus primos, avós, tios e tias que sempre me encorajaram, incentivaram (de muitas formas e de muitas maneiras) e que sempre se alegraram comigo em minhas conquistas. Em especial, expresso minha gratidão ao meu caríssimo primo Bruno, meu mentor, amigo, principal incentivador; fico a pensar no que seria de mim sem seu apoio.

Agradeço aos amados irmãos da Igreja Congregacional em Remígio/PB pelas intercessões, pelo amor e por entenderem minha ausência das atividades nas últimas semanas a fim de concluir esta pesquisa que, espero, servirá também para a edificação deles mesmos.

Não posso deixar de agradecer a Marbene Veiga, minha professora de grego bíblico; sua contribuição foi singular para a realização deste trabalho.

Dúvidas e dificuldades de toda sorte me acompanharam ao longo desse processo. Ai de mim se não tivesse ao meu lado Rosângela, minha “mãe” amada; Adriano e Talini, casal abençoado; Ibéria, Amilton, Hortência, Rossana, Patrícia e Rogério amigos queridos que fazem jus à qualificação; Suênia, que nem conheço pessoalmente, mas considero “pakas”; Raquel Nunes, que me ajudou a colocar (ou tentou) o psicoemocional em ordem; e Fabiana, que ouviu meus lamentos e testemunhou minhas caras e estados de sono pelas noites em claro. Sou grato ao professor Normando pelo apoio no fornecimento de material para a pesquisa; além de a tantos outros colegas e professores da Unidade Acadêmica de Letras da UFCG e do Seminário Teológico El-Shaddai, bem como às minhas alunas de francês, que, juntos, sempre me estimularam (até demais, eu diria), me incentivaram e torceram por mim todo o tempo.

À professora Josilene, primeira pessoa que soube da intenção e me encorajou a pesquisar sobre a Bíblia (portanto, madrinha deste trabalho), meu eterno agradecimento por tudo o que fez por mim desde que ingressei na UFCG. Assim como agradeço, também, à professora Carmen, minha VÓrientadora por me apresentar aos Estudos da Tradução, por seu amor e confiança aos quais me esforçarei sempre para corresponder em alguma medida.

Agradeço ainda, aos professores Sinara Branco e Garibaldi Dantas pela presteza em atender ao convite não só de avaliar, mas de contribuir, com esta pesquisa, e à professora Márcia Candeia por suas exímias orientações quanto à redação e apresentação desta pesquisa.

Agradeço a CAPES pelos anos de financiamento como bolsista (ou oráculo) no grupo PET-Letras/UFCG, o qual permitiu amplo desenvolvimento, entre outras, de minha habilidade em pesquisa.

Finalmente, *Soli Deo Gloria!* Primeiro, por me fazer entender Sua vontade e me conduzir a esta pesquisa (1Coríntios 10:31) e, depois, porque creio que todas essas coisas procedem da parte do Senhor como manifestação de sua misericórdia e graça a este humilde servo dEle dependente.

“Enquanto alguns procuram erros na Bíblia e engano nas traduções, um homem sincero, com uma Bíblia aberta, sem dúvida encontrará bem depressa o que há de errado consigo mesmo.”

A. W. Tozer

RESUMO

Este trabalho é uma crítica a uma tradução bíblica em linguagem contemporânea considerada etnocêntrica e hipertextual. É uma pesquisa descritiva, qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. O objetivo é analisar o projeto tradutório da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* da Bíblia a partir da Analítica da Tradução. Após a descrição do projeto tradutório, confrontamos o texto-fonte e o texto-alvo na passagem de *Romanos*, capítulo 5, observando a ação das tendências deformadoras. Os fundamentos teóricos e metodológicos dessa pesquisa foram: Geisler e Nix (2006), Giraldi (2013) e Raupp (2015), sobre o histórico da tradução bíblica, Schleiermacher ([1813], 2010), sobre os métodos de tradução, assim como Nida (1964), Lutero ([1530] 2006) e Meschonnic (2010), sobre as teorias provenientes da tradução bíblica. A análise do *corpus* seguiu as orientações do modelo de crítica e de análise do sistema de deformações segundo Berman (1995; 2002; 2013). O panorama histórico permitiu-nos constatar que desde a Idade Média existe uma preocupação em tornar o texto bíblico acessível ou em linguagem vernacular ou adequado ao registro linguístico dos leitores menos instruídos. Enquanto prática, a tradução bíblica também contribuiu para a formulação de teorias. A *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* é etnocêntrica hipertextual porque seu projeto é voltado para adequar o texto-fonte às condições linguísticas, sociais e culturais de falantes pouco escolarizados do Brasil na segunda metade do século XX, ignorando a herança estrangeira da língua de partida. Encontramos nove das treze deformações de Berman; a racionalização, a clarificação, a destruição dos sistematismos e a destruição dos ritmos foram as mais recorrentes. Concluimos, então, que a Analítica da Tradução de Berman é aplicável também a traduções bíblicas etnocêntricas. As deformações nela encontradas estão a serviço do projeto tradutório da obra e da posição e horizonte do tradutor.

Palavras-chave: Tradução bíblica em linguagem contemporânea. Tradução etnocêntrica hipertextual. Analítica da Tradução. Tendências deformadoras. Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

RÉSUMÉ

Ce travail c'est une critique à une traduction biblique en langage moderne considérée ethnocentrique et hypertextuelle. Cette recherche est descriptive, qualitative, de caractère bibliographique et documental. Le but c'est d'analyser le projet traductif de la *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (NTLH) de la Bible d'après l'Analytique de la traduction. Après la description du projet traductif, nous avons confronté le texte-source et le texte-cible dans l'extrait de *Romains*, chapitre V, en observant l'action des tendances déformantes. Les fondements théoriques et méthodologiques de cette recherche ont été : Geisler et Nix (2006), Giraldi (2013) et Raupp (2015), à propos de l'histoire de la traduction biblique, Schleiermacher ([1813], 2010), sur les méthodes de traduction, ainsi que Nida (1964), Lutero ([1530] 2006) et Meschonnic (2010), sur les théories formulées à partir de la traduction biblique. L'analyse du *corpus* a suivi les orientations du modèle de critique et de l'analyse du système des tendances déformantes selon Berman (1995 ; 2002 ; 2013). Le panorama historique nous a permis de constater que dès le Moyen Âge il y a une préoccupation de rendre le texte biblique accessible ou en langue vernaculaire ou adéquat au registre linguistique des lecteurs moins cultivés. En tant que pratique, la traduction biblique a aussi contribué pour la formulation des théories. La NTLH est ethnocentrique hypertextuelle parce que son projet a été conçu pour faire correspondre le texte-source aux conditions linguistiques, sociales et culturelles des parlants moins scolarisés du Brésil dans la seconde moitié du XXe siècle, en ignorant l'héritage des aspects étrangers de la langue de départ. Nous avons rencontré neuf des treize tendances déformantes de Berman ; la rationalisation, la clarification, la destruction des systématismes textuels et la destruction des rythmes ont été les plus récurrentes. Nous avons conclu, donc, que l'Analytique de la traduction de Berman est aussi applicable aux traductions bibliques ethnocentriques. Les tendances déformantes rencontrées dans la NTLH sont au service du projet traductif de l'oeuvre et de la position et horizon traductifs du traducteur.

Mots-clés: Traduction biblique en langage moderne. Traduction ethnocentrique hypertextuelle. Analytique de la traduction. Tendances déformantes. Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: A pontuação no trecho de Romanos 5: 17	55
Tabela 2: A ordem do discurso no trecho de Romanos 5: 19	56
Tabela 3: Clarificação em Romanos 5: 9	60
Tabela 4: Tradução parafrásica em 5: 17.....	61
Tabela 5: Ocorrência de alongamento em Romanos 5: 4.....	62
Tabela 6: Ocorrência de alongamento em Romanos 5: 15a.....	62
Tabela 7: Ocorrência de alongamento em Romanos 5: 21	63
Tabela 8: Destruição dos ritmos em Romanos 5: 3-4.....	64
Tabela 9: Rearranjo sintático por pontuação em Romanos 5: 2.....	65
Tabela 10: Empobrecimento quantitativo em Romanos 5: 13,15	66
Tabela 11: Destruição dos sistematismos em Romanos 5: 16.....	69
Tabela 12: Tradução dos participios gregos pela NTLH.....	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 PANORAMA GERAL DAS TRADUÇÕES BÍBLICAS	16
1.1 <i>DOS MANUSCRITOS À PADRONIZAÇÃO DO TEXTO BÍBLICO</i>	17
1.2 <i>DAS PRIMEIRAS ÀS MODERNAS TRADUÇÕES BÍBLICAS</i>	19
1.3 <i>A TRADUÇÃO BÍBLICA NO BRASIL</i>	24
2 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E A TRADUÇÃO BÍBLICA	27
3 A ANALÍTICA DA TRADUÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	35
3.1. <i>ANTOINE BERMAN E A ANALÍTICA DA TRADUÇÃO</i>	35
3.2. <i>O PROJETO DE CRÍTICA TRADUTÓRIA DE ANTOINE BERMAN</i>	42
4 ANÁLISE DA “NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE” DA BÍBLIA À LUZ DA ANALÍTICA DA TRADUÇÃO	47
4.1 <i>PROJETO TRADUTÓRIO E ESTRUTURA DA “NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE” DA BÍBLIA</i>	48
4.2 <i>ANALÍTICA DA TRADUÇÃO DE BERMAN APLICADA À “NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE” DA BÍBLIA</i>	53
4.2.1 <i>RACIONALIZAÇÃO</i>	55
4.2.2 <i>CLARIFICAÇÃO</i>	57
4.2.3 <i>ALONGAMENTO</i>	61
4.2.4 <i>DESTRUIÇÃO DOS RITMOS</i>	63
4.2.5 <i>ENOBRECIMENTO</i>	65
4.2.6 <i>EMPOBRECIMENTO QUANTITATIVO</i>	66
4.2.7 <i>DESTRUIÇÃO DAS REDES DE SIGNIFICANTES SUBJACENTES</i>	67
4.2.8 <i>DESTRUIÇÃO DOS SISTEMATISMOS</i>	69
4.2.9 <i>HOMOGENEIZAÇÃO</i>	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ANEXO 1 - TEXTO-FONTE EM GREGO DE ROMANOS 5	79
ANEXO 2 – ROMANOS 5: VERSÃO NTLH	81
APÊNDICE 1 – TRADUÇÃO LIVRE GREGO-PORTUGUÊS DE ROMANOS 5	83

INTRODUÇÃO

Ao observarmos para a própria História da Tradução, percebemos que ela foi construída, dentre outros elementos, pela tradução de textos religiosos; incluindo a da Bíblia. Assim, os primeiros métodos, modelos de crítica e pesquisas em tradução foram resultados desse trabalho iniciado há mais de dois mil anos. Uma vez que sua prática é intensa e diversificada, realizada sob múltiplos métodos e objetivos e considerando os diversos desafios, tanto do processo quanto da recepção, essa produção, portanto, acaba repercutindo no estreitamento dos laços entre a tradução bíblica (prática) e os estudos em tradução (teoria). Essa ligação faz da Bíblia uma obra singular e fértil nesse campo do conhecimento, tendo em vista que

De fato, a tradução bíblica tem gerado mais dados em diversas línguas do que qualquer outra prática de tradução: é uma atividade com uma história longa, que alcança muitas pessoas nas mais diversas culturas e envolve mais tradutores de origens diferentes do que qualquer outra prática na área. Também em termos genéricos, a tradução bíblica abrange todos os campos, pois, no texto, se encontram passagens de poesia e prosa, narrativa e diálogo, parábolas e leis. (GENTZLER, 2009, p. 73).

Esse longo legado de tradução da Bíblia não passaria imune à desconfiança que a tradução, enquanto atividade linguística, sempre despertou no que diz respeito a sua (im)possibilidade. Dada sua resistência a mudanças de qualquer natureza, a Bíblia é considerada, assim, um texto sensível para ser traduzido (GOHN, 2001, p. 149), pois, pode suscitar em seus leitores as mais variadas reações emocionais; e, quando o é, por essa razão, acaba normalmente sendo alvo de críticas tanto favoráveis quanto contrárias. Em todo o caso, nesse ínterim, muito do que se disse sobre a tradução desse texto tornou-se a base para o estabelecimento de teorias e de um vasto campo de dados a serem pesquisados pelos Estudos da Tradução e áreas afins; principalmente quanto aos métodos empregados e à fidelidade do texto-alvo ao texto-fonte. Por conseguinte, as mesmas discussões envolvidas em qualquer outro campo de atuação da tradução, como o da literatura, por exemplo, são aplicáveis à tradução bíblica.

Uma delas é a forma etnocêntrica e hipertextual de tradução, a qual prima pelo sentido do texto-fonte e pela sistemática da língua de chegada (SCHLEIERMACHER, [1813] 2010, p. 79). O objetivo é, em linhas gerais, retirar do texto qualquer marca do que é estrangeiro (etnocentrismo), adequando-o ao sistema linguístico da língua de chegada (hipertextualidade) como se o próprio autor estrangeiro tivesse escrito na língua alvo do leitor da tradução

(BERMAN, 2013, p. 50). Consequentemente, os projetos tradutórios dessas versões têm sido criticados, agradando a uns, por democratizar o acesso ao texto numa forma às vezes mais fácil de compreender, e desagradando a outros, principalmente por aqueles cuja concepção sobre tradução ainda está arraigada ao literalismo, à forma.

Esse tipo de tradução também alcançou a Bíblia. As traduções bíblicas em linguagem contemporânea ou comum, por sua proposta de fornecer um texto acessível aos seus leitores, recorrem muitas vezes às estratégias etnocêntricas e hipertextuais. Como representante desse grupo de traduções bíblicas no Brasil temos a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (doravante NTLH), produzida e publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil (doravante SBB). As bases fundamentais de seu projeto tradutório foram: uso de linguagem simples e contemporânea; fuga ao literalismo; uso de frases explicativas ao invés do uso de termos teológicos; frases em ordem direta e sem intercalações (ABNB, 2013, p. 17). Essas características deixam claro que a tradução estava mais preocupada em atender às exigências da língua alvo, primando pelo sentido em prejuízo à letra, o que a configura como uma tradução bíblica em linguagem contemporânea etnocêntrica e hipertextual.

Paralelamente à tradução em geral, a tradução bíblica também é alvo de críticas. Evidentemente, há uma preocupação natural por parte dos estudiosos de que as traduções sejam fieis à mensagem original, sobretudo quando realizadas em linguagem contemporânea. Essa modernização da linguagem bíblica tem gerado polêmicas. Por exemplo, o *site Biblioteca Batista Independente Online* critica a técnica, a fonte e a equipe de tradução da NTLH, acusando os tradutores de usar textos-fonte de pouca credibilidade e de corromper a inspiração verbal do texto¹, uma vez que o objetivo dela é transmitir a mensagem, não o significante (BIBLIOTECA BATISTA INDEPENDENTE ONLINE, 2001). Por outro lado, o Dr. Vilson Scholz, consultor de traduções da SBB, agência responsável pela obra, defende, em artigo no site da Revista Ultimato, que essa versão² foi pensada para a massa pouco escolarizada do país (os que menos a criticam), para aqueles que já tiveram ou não algum contato com a Bíblia e poderão compreendê-la melhor, sendo criticada (ainda de forma muito informal) pela ala mais letrada e acadêmica dos leitores e estudiosos bíblicos (SCHOLZ, 2014).

¹ Para tais críticos, a inspiração verbal do texto diz respeito à forma de linguagem usada pela divindade ao transmitir sua mensagem aos escritores. Adequar a linguagem ao leitor hodierno, para eles, é um ato de violação da mensagem.

² Ao longo do texto, utilizaremos os termos “versão” e “tradução” como sinônimos.

Levando em consideração tal contexto em torno da obra traduzida, acreditamos que os problemas apontados como críticas negativas fazem parte de um conjunto de estratégias, escolhas e elementos tradutórios que compõem o projeto da tradução, não sendo suficientes por si mesmos para emitir um juízo de valor, no par bom-ruim, a essa tradução. Aliás, esse parece ser um modelo de crítica da tradução pouco difundido, tendo em vista que, de modo geral,

ao realizarem análises de traduções, muitos críticos ainda tomam os conceitos de equivalência ou de adequação como os indicadores principais da qualidade de textos traduzidos. A ideia do que é bom ou ruim, na maioria dos casos, acaba não sendo relativizada e julgamentos apressados chegam ao conhecimento do público. Raras são as vezes em que o crítico considera o seu objeto de investigação como um ato de reflexão, o que dificulta a compreensão das escolhas realizadas pelo tradutor e influencia no resultado da análise. Por essa razão, e dado o crescimento dos Estudos da Tradução, torna-se cada vez mais desejável a existência de uma crítica que não apenas aponte erros ou inadequações, mas considere, por exemplo, o projeto da tradução, muitas vezes implícito, e os fatores que operam sobre toda a tradução, ocasionando desvios na forma ou no sentido do texto, antes de se chegar a qualquer conclusão. (SILVA, 2006, p. 1-2).

Diante desse novo olhar citado acima, a noção de tradução é ampliada, unindo à concretude do texto a reflexão do trabalho. Em outras palavras, ela deixa de ser compreendida como tal apenas pelo seu produto e passa a se definir enquanto atividade linguística também pelo seu processo. Assim sendo, criticar uma tradução apenas pelo critério linguístico do texto-alvo é observar apenas uma de suas facetas. As tomadas de decisão do tradutor não são mero produto de uma atividade mecânica, mas certamente de todo o contexto em torno do trabalho e do sujeito tradutor. Por essa razão, precisam ser levadas em consideração.

Contrariando, pois, o paradigma comum da crítica pautada na equivalência linguística, Antoine Berman (2013), tradutólogo francês, instituiu a chamada Analítica da Tradução, proposta de análise que consiste em examinar um sistema de tendências deformadoras que agem sobre toda tradução; principalmente na tradução etnocêntrica hipertextual. Ele identificou, a partir de sua experiência com a tradução da prosa literária, treze dessas tendências, as quais são inerentes a todo tradutor e a toda tradução e cuja função é desprestigiar a letra (sistema de significantes) em favor do sentido (ibidem, p. 67). Além delas, Berman apresenta em seu livro *Pour une critique des traductions: John Donne (1995)* uma proposta de crítica tradutória baseada não só em identificar e reconhecer as deformações, mas também no reconhecimento do sujeito tradutor e do projeto de tradução do texto em questão, o qual será traçado por meio de análises, confrontações e avaliações tanto individuais quanto comparativas entre a(s) tradução(ões) e o original. Essas tendências, vistas sob essa

ótica, acabam perdendo parte da conotação negativa que a nomenclatura “deformação” lhes impõe e as coloca no lugar de apenas mais um elemento de forte impacto na tradução.

Considerando-as desta forma, neste trabalho, partimos do pressuposto que esse modelo analítico, embora idealizado para e a partir da análise da tradução da prosa literária, pode ser aplicado também às traduções bíblicas etnocêntricas. Cabe-nos, então, investigar a pertinência dessa aplicação e quais as implicações para o projeto de tradução da Bíblia na versão ora analisada. Tal hipótese conduz-nos à seguinte pergunta de pesquisa: Considerando a aplicabilidade do sistema de deformações de Berman à análise das traduções bíblicas etnocêntricas, quais as implicações desse sistema no projeto tradutório da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* da Bíblia?

Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar o projeto tradutório da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* da Bíblia a partir da Analítica da Tradução de Antoine Berman. Como objetivos específicos, pretendemos, primeiro, traçar o projeto de tradução da referida tradução, nos moldes do projeto de crítica de Berman (1995) e, em seguida, analisar um trecho da tradução à luz da Analítica da Tradução do mesmo autor (idem, 2013). Esse estudo faz-se necessário por pelo menos quatro razões. A primeira, a de estreitar as relações entre o discurso religioso e os estudos acadêmico-científicos, tidos pelo senso comum como um tanto paradoxais. A segunda, a de fornecer material de pesquisa sobre essa área do conhecimento a leigos e estudiosos de Teologia e de Tradução, principais ramos do conhecimento interessados. A terceira, a de fornecer embasamento analítico-científico que possa fundamentar ou invalidar críticas feitas a esse trabalho tradutório, bem como a qualquer outro, a fim de contribuir para o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos tradutórios com este mesmo foco. Por fim, a quarta por propor-se a contribuir para a uma melhor recepção dessa tradução pelos leitores mais críticos e exigentes.

Nesses termos, essa pesquisa tem caráter descritivo, qualitativo, de cunho bibliográfico e documental (GIL, 2008, p. 50-51). Por razões metodológicas, diante das ferramentas disponíveis para analisar o texto original, o *corpus* escolhido para análise encontra-se no chamado Novo Testamento, escrito em grego coíné, ou comum, conforme o aparato crítico de Gomes e Olivetti (2015). Após a escolha do texto, aplicamos o método de análise de traduções de Berman apresentado acima alinhando-os aos objetivos propostos. Estas etapas serão descritas em detalhes por ocasião da apresentação da metodologia e análise dos dados nos capítulos 3 e 4 deste texto.

Em termos de organização e apresentação deste trabalho, além do apanhado geral do campo da pesquisa nesta Introdução, o mesmo divide-se ainda em quatro capítulos, além da

sessão final que traz as considerações finais, das referências bibliográficas, dos anexos e do apêndice. No primeiro capítulo, apresentaremos um breve panorama sobre as traduções bíblicas no mundo e no Brasil, sobretudo em língua portuguesa, a fim de contextualizar a produção da NTLH e mostrar como a tradução bíblica em linguagem contemporânea ou comum se desenvolveu historicamente. No capítulo dois, apresentaremos alguns princípios teóricos sobre a área de concentração de nosso estudo, a saber, os Estudos da Tradução, focando ao fim nos estudos em tradução bíblica e na contribuição dessa prática específica para a teoria em geral. No terceiro capítulo, traremos a discussão teórico-metodológica da pesquisa apresentando a teoria e a proposta de crítica da tradução elaboradas por Antoine Berman e que serão aplicadas à obra em análise. Os resultados dessa aplicação serão apresentados e discutidos, então, no capítulo quatro. Finalmente, na sessão de considerações finais, daremos resposta à nossa pergunta de pesquisa e lançaremos algumas propostas de pesquisas que podem vir a ampliar as discussões aqui iniciadas.

1 PANORAMA GERAL DAS TRADUÇÕES BÍBLICAS

Esta pesquisa se enquadra em uma área dos Estudos da Tradução bastante expressiva tanto por seu caráter teórico quanto prático: a tradução bíblica. Como veremos adiante, é um trabalho milenar, anterior a nossa era, servindo de base para o desenvolvimento de pressupostos teórico-metodológicos relevantes para os Estudos da Tradução em geral. Para uma melhor compreensão do cenário de nossa pesquisa é preciso, antes de tudo, ambientarmos-nos com o tema.

Sabe-se que a mensagem bíblica foi transmitida primeiramente de forma oral, sendo registrada em seguida por escrito (BECKWITH, 1998, p. 71-72); atitude atribuída a Moisés, líder dos hebreus que, segundo relato bíblico, libertou o povo da escravidão no Egito. Seus cinco livros (*Gênesis* a *Deuteronômio*) ficaram conhecidos como a Lei de Deus/de Moisés, Pentateuco (pelos cristãos) ou Torá (pelos judeus)³. Além desses, a Bíblia é formada pelos escritos históricos de Israel, atrelados às crônicas dos reis, aos escritos dos profetas e aos livros de cânticos e sabedoria; os quais reunidos formam o chamado Antigo Testamento (doravante AT). Esses textos em hebraico e algumas porções em aramaico foram conservados em manuscritos ou inscrições em diversos materiais (como pedra, tábuas de barro, papiro, pergaminho, óstraco e velino) e suas cópias foram feitas e conservadas sob rigoroso zelo judaico (GEISLER; NIX, 2006, p. 128-130), sobre o qual falaremos mais adiante. Já os textos do chamado Novo Testamento (doravante NT) são registros históricos (Evangélicos e o livro dos Atos dos apóstolos, discípulos diretos de Jesus) e cartas endereçadas tanto a pessoas específicas como a igrejas; todos escritos em grego coíno.

A necessidade de que as instruções apostólicas chegassem a todas as comunidades cristãs e aos povos que não conheciam o Evangelho do Cristo levou, após uma fase de transmissão oral, à compilação de cópias desses textos. De acordo com a cronologia de Raupp (2015, p. 34), a composição da Bíblia durou aproximadamente 1600 anos, desde os primeiros registros escritos por Moisés, aproximadamente no século XVI a.C., até à escrita do livro do *Apocalipse* por João por volta de 90 d.C. É preciso deixar claro que não possuímos hoje os textos autógrafos de nenhum dos escritos bíblicos, ou seja, os originais não existem mais (ou ainda não foram encontrados). O que temos são as respectivas cópias manuscritas que, após criterioso exame da Crítica Textual, ciência dedicada, entre outras tarefas, à preservação e

³ A fim de evitar possíveis confusões terminológicas, apesar dos sinônimos, sempre nos referiremos a estes escritos como Lei de Moisés.

transmissão de textos antigos, levaram ao estabelecimento de um texto-padrão para as traduções de ambos os testamentos.

Devidamente apresentadas a estrutura e as condições de produção do texto-fonte das traduções bíblicas, prossigamos com nossa ambientação ao tema. O objetivo deste capítulo é, portanto, traçar um panorama sucinto da História da tradução bíblica, desde a preservação do que se entende ser o texto-fonte, passando pelas principais traduções antigas e modernas, bem como por algumas polêmicas que envolveram esse trabalho ao longo dos milênios. Essa exposição é necessária para situarmos historicamente o contexto de produção das traduções bíblicas em linguagem contemporânea ou comum e a inquietação que nos conduz à realização desta pesquisa, qual seja a da natureza das estratégias tradutórias envolvidas na produção desse tipo de tradução.

1.1 DOS MANUSCRITOS À PADRONIZAÇÃO DO TEXTO BÍBLICO

Quando falamos sobre tradução, precisamos, antes de qualquer coisa, tratar do texto-fonte e de questões que estão ao seu entorno. O caso da Bíblia é, nesse particular, delicado, pois, como já frisado, não temos os textos originais. Para ambos os testamentos, o que temos são cópias manuscritas antigas encontradas e preservadas em vários lugares, segundo tradições eclesiásticas diferentes e com algumas variantes entre si; além de citações em outras obras escritas por líderes cristãos. Por essa razão, e em se tratando ainda de um texto religioso, é preciso elucidar como se deu a preservação dos textos-fonte e como, em meio à diversidade de cópias, chegou-se a um texto-padrão considerado fiel que permita a produção de traduções equivalentes.

No que diz respeito à padronização do Antigo Testamento, percebemos que existe escassez de cópias, estas com pouca variação entre si. O extremo zelo judaico evitou que o texto hebraico e aramaico apresentasse discrepâncias significativas em suas cópias. Sempre que o copista cometia um erro ou uma variação era encontrada em uma cópia, logo essa era queimada ou enterrada e, então, o escriba recomeçava todo o trabalho (GEISLER; NIX, 2006, p.171). Temos inicialmente como texto-fonte veterotestamentário⁴ a *Septuaginta*, do século III a.C., e o *Texto Massorético*, datado do século Xd.C.. O primeiro é a tradução do Antigo Testamento em hebraico para o grego encomendada pelo faraó Ptolomeu II Filadelfo feita por cerca de setenta e dois judeus em Alexandria. O segundo foi um trabalho desenvolvido por

⁴ Adjetivo relativo ao Antigo Testamento, assim como o termo “neotestamentário”, também usado nesse texto, é relativo ao Novo Testamento.

um grupo de estudiosos judeus, chamados massoretas, de onde vem o nome da obra, que implantaram na escrita do hebraico o sistema de vocalização, até então inexistente, para que não se perdesse a pronúncia das palavras. Esses foram, então, por muito tempo os textos-padrão do Antigo Testamento. Até que em 1947, foram descobertos em Qumran, região próxima ao Mar Morto, várias cavernas que guardavam uma coleção de seiscentos manuscritos em hebraico datados entre 168 a.C. e 233 d.C., identificados como pertencentes à seita judaica dos essênios⁵. Esses textos passaram a ser chamados de *rolos do Mar Morto*, ou manuscritos *Q* (ibidem, p. 139) e confirmam a fidelidade da *Septuaginta* e, sobretudo, a do *Texto Massorético*. Estudados e compilados, temos hoje duas publicações-padrão para as traduções do Antigo Testamento: a *Bíblia Hebraica Kittel*, lançada em 1905 e já editada pelo menos sete vezes, e a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, lançada em 1977, a qual é uma edição crítica do *Texto Massorético*, abarcando também os *rolos do Mar Morto* (RAUPP, 2015, p. 42).

Quanto ao Novo Testamento, encontramos um cenário diferente: muitas cópias, bem como também muitas variantes. Além dos manuscritos e das inscrições em óstracos e cerâmicas, por exemplo, o texto neotestamentário pode ser recuperado quase na íntegra somente pelas citações que são feitas dele nos escritos dos líderes do cristianismo nos primeiros séculos, os chamados Pais da Igreja (GEISLER; NIX, 2006, p.154). Até o Renascimento, traduções latinas eram os únicos textos disponíveis. A partir de então, surge um movimento de retorno aos ditos originais e a necessidade de estabelecer um texto-padrão. Reunidos os manuscritos disponíveis, oriundos da tradição cristã bizantina, publicou-se entre 1516 e 1787 o primeiro texto-padrão do Novo Testamento chamado *Textus Receptus* (Texto Recebido), ou Texto Majoritário; trabalho iniciado por Erasmo de Roterdã, passando pelo cardeal Francisco Cisneros, Teodoro de Beza e, finalmente, por Abrão Elzevir e os irmãos Bonaventura (RAUPP, 2015, p. 44). As traduções bíblicas realizadas após a Reforma Protestante foram feitas a partir desse texto. Contudo, após o século XIX foram encontrados manuscritos da tradição alexandrina, de origem anterior aos utilizados para compilação do Texto Recebido. Diante das novas descobertas, fez-se necessário elaborar um novo texto-padrão, o qual ficou conhecido como *Texto Crítico*. Desde então, muitas publicações e edições foram realizadas por muitos estudiosos, até que em 1952 Erwin Nestle e Kurt Aland

⁵ Os essênios eram um grupo religioso judaico conhecido por sua vida piedosa e ascética, ou seja, isolada do mundo; o que explica uma comunidade nas grutas de Qumran no meio do deserto. O objetivo do isolamento era primar pela purificação de suas almas, vivendo em obediência aos mandamentos da Lei de Moisés, fazendo isso por meio de práticas ritualísticas que se diferenciavam das realizadas pelos judeus em geral.

lançaram a versão até agora mais recente deste trabalho, editada já várias vezes (ibidem, p. 46).

Toda essa padronização é resultado de vários estudos realizados sob os princípios teórico-metodológicos da Crítica Textual, cuja função é recuperar, editar, transmitir e preservar a forma original dos textos (CAMBRAIA, 2005, p. 19); incluindo o texto bíblico. Orientados assim, Geisler e Nix (2006, p. 180-181) advogam que

não basta afirmar que a Bíblia é o livro mais bem preservado, que sobreviveu desde os tempos antigos, mas lembremo-nos também de que as variantes de certa importância representam menos da metade de 1% de corrupção textual, e que nenhuma dessas variantes influi em alguma doutrina básica do cristianismo. Além disso, a crítica textual tem à sua disposição uma série de cânones que, para todos os efeitos práticos, capacita os estudiosos bíblicos a recuperar de modo completo o texto exato dos autógrafos hebraicos e gregos das Escrituras - não só linha por linha, mas palavra por palavra.

Considerando, então, o zelo judaico dos escribas no processo de cópia dos textos, a extensa quantidade de manuscritos neotestamentários distribuídos ao longo dos séculos em grau elevado de concordância e o esmero crítico e científico da Crítica Textual, podemos ter segurança nos textos-padrão para as traduções bíblicas. Embora não sejam os autógrafos, as ferramentas técnico-metodológicas de que esta ciência dispõe hoje podem nos assegurar o elevado grau de pureza textual desses manuscritos, com diferenças de pouca expressividade linguística, permitindo que o trabalho de tradução seja seguro, transmitindo um texto fidedigno ao público leitor. Trabalho de tradução que, a propósito, é histórico e diversificado como veremos a seguir.

1.2 DAS PRIMEIRAS ÀS MODERNAS TRADUÇÕES BÍBLICAS

Ao longo dos séculos, várias traduções de textos religiosos foram realizadas. Como vimos, os judeus foram os responsáveis pelo pontapé inicial nesse empreendimento. Segundo categorização de Geisler e Nix (ibidem, p. 185-186), com o surgimento e expansão do cristianismo, a tradução de textos religiosos judaico-cristãos se desenvolveu, as quais podem ser organizadas em três grupos. A perseguição inicial do Império Romano à nova religião não só acabou favorecendo a própria disseminação da fé cristã como suscitou a necessidade de traduções para as línguas dos povos com quem os fiéis perseguidos entravam em contato. Antes das grandes reuniões de líderes da Igreja, os ditos concílios, traduções tanto em grego como em latim e aramaico de textos que hoje compõem o Novo Testamento já haviam sido

produzidas, a exemplo da *Septuaginta* e da *Vetus Latina*, a mais antiga tradução do Antigo Testamento para o latim. Eis o primeiro grupo: o das chamadas traduções bíblicas antigas. Com o fim da perseguição e a institucionalização da Igreja pelo Império Romano no século IV, houve a compilação da Bíblia em si (nos moldes atuais) e, a partir de então, ao longo da Idade Média, a tradução bíblica foi ganhando cada vez mais força. A esse período correspondem a *Vulgata Latina* de Jerônimo (c. 340-420) e a tradução para o inglês feita por Wycliffe (entre 1380 e 1388); são as chamadas traduções medievais. Na sequência, com o advento da imprensa (c. 1454) e com a Reforma Protestante (1517), tem-se, então, a propagação em maior escala das traduções já existentes e a realização de novos projetos tradutórios em outros idiomas. A *Bíblia de Genebra*, cujo Novo Testamento foi traduzido por Pierre Robert Olivétain em 1535, com edição revista e corrigida por pastores de Genebra publicada em 1669, em francês, representa esse período. Pertencem a essa época ainda as traduções que chegaram aos países colonizados no século XVI e XVII, como o Brasil, por exemplo; este é o terceiro grupo, o das chamadas traduções modernas.

Mas até chegar aqui, o percurso foi longo. O primeiro relato de tradução bíblica é fornecido pela própria Bíblia no livro bíblico de *Neemias* 8: 1-12. De acordo com o comentário da *Bíblia de Estudo MacArthur* (2010, p. 616) há duas possibilidades de compreensão desta passagem. A primeira seria a de que, tendo o povo judeu passado cerca de oitenta anos em cativeiro na Babilônia, lá se afastou de seu idioma nacional, o hebraico, e passou a usar a língua do dominador, o aramaico; principalmente a nova geração. De volta à Jerusalém, ao reunirem-se para ouvir a leitura da Lei de Moisés, foi necessário que o escriba e sacerdote Esdras lesse e traduzisse oralmente o texto para compreensão dos ouvintes. A segunda diz que essa tradução oral foi apenas uma espécie de paráfrase, para “esmiuçar” o texto. Diz o texto na versão de *Almeida Revista e Atualizada* (1999, p. 346):

Esdras, o sacerdote, trouxe a Lei perante a congregação, tanto de homens como de mulheres e de todos os que eram capazes de entender o que ouviam. Era o primeiro dia do sétimo mês. E leu no livro, diante da praça, que está fronteira à Porta das Águas, desde a alva até ao meio-dia, perante os homens e mulheres e os que podiam entender; e todo o povo tinha os ouvidos atentos ao Livro da Lei. [...] Leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia. [...] Então, todo o povo se foi a comer, a beber, a enviar porções e a regozijar-se grandemente, porque tinham entendido as palavras que lhes foram explicadas. (*Neemias* 8: 2-3, 8, 12).

Esta tradução fortalece a segunda possibilidade. De qualquer forma, seja por tradução de uma língua para outra ou por esclarecimentos na própria língua, houve tradução. Vale enfatizar que, segundo o texto, a preocupação do tradutor Esdras era fazer o povo

compreender a mensagem. E, de fato, conseguiu, pois a reação de regozijo do povo foi clara, demonstrada em verdadeira festa. Desde o princípio, portanto, percebemos que a tradução estava mais a serviço do público, engajada a fazê-lo compreender a mensagem, do que estritamente do código, não se atendo a literalidade.

Em termos de escrita, a primeira grande tradução de textos bíblicos se deu no século III a.C. em Alexandria e resultou na *Septuaginta*, sobre a qual falamos anteriormente. Essa versão se tornou uma das mais importantes traduções para o judaísmo e para o cristianismo, servindo de base para as realizadas *a posteriori*. Convém ressaltar, como o faz Raupp (2015, p. 51-52), que a *Septuaginta* contém livros escritos originalmente em grego que não compõem o cânon oficial do Antigo Testamento, os chamados livros deuterocanônicos, ou seja, aqueles que não foram reconhecidos pelos cristãos protestantes e judeus como sendo dotados de inspiração divina; ao contrário do que entende a Igreja Católica Apostólica Romana. A canonicidade desses textos é polêmica porque eles não constam no *Texto Massorético*, aparecendo apenas nos códices oriundos da comunidade judaica de Alexandria. Por outro lado, as referências a textos do Antigo Testamento feitas por Jesus e seus discípulos no Novo são oriundas da *Septuaginta*.

Polêmicas à parte, prosseguindo com nossa cronologia temos que, com a expansão do Império Romano pela Europa e norte da África, o idioma imperial, o latim, ganhou prestígio social e entre os que falavam esse idioma havia agora cristãos. Por isso, empreendeu-se no século II d.C. a tradução da *Septuaginta* e dos livros do NT para tal idioma, originando a *Vetus* ou *Antiga Latina*. Essa tradução foi realizada por leigos e recebeu influência judaica, não satisfazendo a muitos (TEIXEIRA; ZIMMER, 2008, p. 46). Dela restam apenas algumas citações e poucos fragmentos dos manuscritos, o que a torna quase desprovida de valor para a Crítica Textual (GEISLER; NIX, 2006, p. 210). Seguidas a essa, outras traduções de porções menores da Bíblia continuaram a ser realizadas, mas sem expressão significativa (RAUPP, 2010, p. 43).

Na Idade Média, o cristianismo foi elevado ao *status* de religião oficial do Império Romano por Constantino no século IV e a Igreja Romana, ligada ao Estado, sobressaiu-se sobre as demais igrejas ocidentais, principalmente após o fim do Império Romano Ocidental em 476. É nesse contexto que duas traduções bíblicas medievais se destacam: a *Vulgata Latina* e a Bíblia de Wycliffe. Considerando a existência de inúmeras traduções distintas e incompletas da Bíblia, tornou-se necessário que a Igreja acompanhasse o prestígio imperial e encomendou uma tradução dos escritos bíblicos para o latim direto das línguas originais. O projeto foi encomendado em 382 pelo papa Dâmaso ao seu secretário Eusébio Jerônimo com

vistas a revisar as versões latinas existentes à luz do texto grego e elaborar uma versão-padrão para ser usada pela Igreja Católica; uma tradução indireta (RAUPP, loc. cit.). Contudo, Jerônimo acabou realizando, também, a primeira tradução do Antigo Testamento direto das línguas originais para o latim (DESLILE; WOODSWORTH, 1998, p. 178). Essa tradução alcançou grande repercussão no seio católico ao longo do Medievo e por isso, segundo GiralDI (2013a, p. 21), recebeu o nome de *Vulgata Latina* (“difundida”, “comum”) no século XIII. Alcançou o título de única Bíblia oficial da Igreja Católica desde o Concílio de Trento em 1546 (CAIRNS, 2008, p. 123), até que a encíclica *Providentissimus Deus* do papa Leão XIII em 1893 passou a incentivar a leitura, o estudo e a tradução da Bíblia (GIRALDI, 2013b, p. 82).

A hegemonia da Igreja e da *Vulgata* começou a ser criticada pelos próprios membros do clero católico. Por volta do século XII levantam-se na França os valdenses, grupo de pregadores leigos liderados por Pierre Valdès, compreendendo que todos os homens deviam possuir a Bíblia em sua própria língua, devendo ser ela a autoridade final para a fé e para a vida dos fieis e não a Tradição (ensinamentos próprios) da Igreja (CAIRNS, 2008, p. 206). Em 1184, foram excomungados por sua recusa de parar de pregar e disseminar suas ideias. Com o mesmo pensamento, alguns anos mais tarde John Wycliffe (c. 1328-1384) desafiou a autoridade papal. Liderou um grupo de pregadores leigos, os lolardos, e providenciou a primeira tradução completa da Bíblia para o inglês em 1382 a partir da *Vulgata Latina*. Essa atitude instigou ainda mais os movimentos reformistas dentro da Igreja Católica e influenciou outros clérigos como John Huss (c. 1373-1415) e Martinho Lutero a lutarem não só pela reforma eclesiástica, mas também pelo direito do povo ter acesso à Bíblia em linguagem vernacular, de fácil compreensão (ibidem, p. 228).

A defesa a esse direito fomentou a ampla disseminação do texto bíblico a partir da Idade Moderna; favorecida pelo surgimento da imprensa por volta de 1454. Relativo a esse período, gostaríamos de destacar quatro projetos tradutórios. O primeiro deles foi a tradução para o alemão vulgar feita por Lutero, da qual trataremos com detalhes no próximo capítulo. A partir de então, outras traduções bíblicas para outros idiomas começaram a ser feitas como a de William Tyndale (1484-1536) para o inglês, em 1526, a de Pierre Olivétan (1506-1538) para o francês, em 1535, a de Casiodoro de Reina (1520-1594) para o espanhol, em 1569, a de Giovanni Diodati (1576-1649) para o italiano, em 1607, entre outras, conforme levantamento de Raupp (2015, p. 47-73).

Contudo, dentre elas, a de maior expressão foi a *King James Version* ou *Authorized Version*, encomendada e autorizada pelo rei James I da Inglaterra e publicada até hoje. Essa

segunda tradução moderna, de acordo com Teixeira e Zimmer (2008, p. 53), foi pensada como estratégia de reconciliação entre puritanos e anglicanos no país, diante das divergências ideológico-doutrinárias entre eles, sobretudo por causa das versões disponíveis no momento: a *Bíblia de Genebra* (1560) e a *Bíblia dos Bispos* (1568). Na verdade, a *King James* é o resultado da revisão de várias traduções já disponíveis (tradução indireta), a fim de preservar o que havia de melhor nelas, atentando, principalmente, para a versão de Tyndale (DESLILE; WOODSWORTH, 1998, p. 185-186).

É nesse momento de proliferação das traduções bíblicas que surge o primeiro trabalho tradutório completo para o português: a tradução de João Ferreira de Almeida (1628-1691). Adepto dos ideais da Reforma, Almeida seguiu a orientação do movimento e logo se propôs a disponibilizar a Bíblia em sua língua materna. Traduziu o Novo Testamento direto do grego em 1654, mas, diante de demorada revisão por parte das autoridades da Igreja Reformada Holandesa, responsável pela publicação, o texto só foi publicado em 1681 (COMFORT, 1998, p. 331). Quanto ao Antigo Testamento, não se sabe qual foi a fonte de Almeida: se o hebraico ou uma tradução indireta a partir de línguas que ele dominava (ALVES, 2007, p. 42). O fato é que Almeida morreu sem concluir a tradução, cabendo ao missionário holandês Jacobus op den Akker finalizar os 10% faltantes do trabalho, o que fez em 1694, mas sendo publicado apenas em 1748 e 1753, em dois volumes (SHOLZ, 2006, p. 11-12). Essa tradução, após já sete revisões no Brasil (RAUPP, 2015, p. 105), é publicada até hoje e recebeu certo status nas igrejas protestantes reformadas de língua portuguesa (ibidem, p. 70). Não obstante, a respeito dessa questão, Raupp (ibidem, p. 105) destaca que a essa altura poderíamos dizer que o nome de Almeida tornou-se uma espécie de marca registrada:

é natural que se questione de que maneira e em que medida o texto saído da pena de Almeida, há mais de trezentos anos, relaciona-se com o texto atualmente atribuído a ele, disponível no Brasil em seis declaradas revisões e em uma dita 'retradução'. [...] Seja como for, a questão é que o nome 'João Ferreira de Almeida' já se firmou tanto entre os protestantes de fala portuguesa que, a bem da verdade, a estima parece estar mais na alcunha dele como primeiro tradutor da Bíblia dedicado aos ideais da Reforma do que no texto em si das versões atribuídas a ele.

Por fim, a última tradução bíblica moderna em destaque é a realizada pelo Pe. Antônio Pereira de Figueiredo (1725-1797). Mesmo com o prestígio da *Vulgata*, que, aliás, serviu de texto-fonte neste projeto, esta, que foi a primeira tradução católica completa da Bíblia em língua portuguesa e a primeira bíblia impressa no Brasil, foi bem recebida pelos estudiosos da época, inclusive pelos protestantes, graças à qualidade do trabalho e à sua linguagem fluente

(GIRALDI, 2013c, p. 30). O Novo Testamento foi publicado em seis volumes entre 1778 e 1781, enquanto o Antigo Testamento foi publicado entre 1783 e 1790 em dezessete, tendo cada livro bíblico um prefácio próprio. Esta versão junto com a tradução de Almeida fazem parte da história da Bíblia no Brasil, pois as primeiras bíblias em português que chegaram às mãos dos brasileiros por meio dos colportores entre o século XVIII e a primeira década do XX usavam o texto de uma dessas traduções (GIRALDI, 2013a, p. 36).

1.3 A TRADUÇÃO BÍBLICA NO BRASIL

Em nosso país, conforme relata Giraldi (ibidem, p.12), o primeiro contato com a Bíblia se deu por ocasião da invasão dos franceses e holandeses durante o Brasil Colônia que trouxeram traduções bíblicas em suas respectivas línguas. Mas, no final do século XVIII já existiam traduções parciais e completas da Bíblia em português. Como até então a importação de livros era controlada por entidades religiosas e governamentais, só no início do século XIX, com o afrouxamento na rigidez desse controle, é que começaram a chegar as primeiras traduções em português, enviadas pelas primeiras sociedades bíblicas. As primeiras traduções realizadas em solo pátrio começaram a ser feitas a partir desse período. A partir de 1808, com a mudança da família real para o Brasil, junto com a Corte, esse cenário começou a mudar. Os portos foram abertos para as nações ditas amigas, na qual se incluía, sobretudo, a Inglaterra. Com tal liberdade, as sociedades bíblicas inglesa e americana, que já estavam organizadas nesse momento, fomentaram a distribuição de bíblias em língua portuguesa no território brasileiro, principalmente a partir da segunda metade do século XIX.

De acordo com o levantamento histórico feito por Raupp (2015, p. 76), os primeiros projetos de tradução e revisão da Bíblia realizados no país só se desenvolveram a partir de 1845 e 1847, quando o Pe. Joaquim Martins de Carvalho (1776-1851), conhecido como Dom Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, lançou em três volumes uma tradução comentada do Novo Testamento, a partir da *Vulgata Latina*. Quanto às traduções completas, a primeira delas realizada no Brasil foi a *Tradução Brasileira*, a partir das línguas originais, de cunho protestante. Como normalmente aconteceu às primeiras traduções bíblicas, o Novo Testamento foi publicado primeiro, em 1908, e o Antigo Testamento em seguida, em 1914; uma edição completa foi lançada três anos depois. Desde então, pelo menos outros trinta e cinco trabalhos tradutórios foram desenvolvidos no Brasil entre traduções e revisões (parciais e completas) em vários idiomas (ibidem, p. 113-114).

Ao longo dos anos, por causa da evolução da língua portuguesa e também do surgimento de novos materiais e estudos a serviço da Crítica Textual, muitas traduções precisaram ser revisadas, corrigidas e terem suas linguagens atualizadas. Por exemplo, a própria tradução de Almeida conta atualmente com uma versão intitulada *Almeida Século XXI*, cujo título aponta seu contexto de produção. Diante do apanhado histórico que fizemos, percebemos, de forma clara, que permitir ao leitor compreender a Bíblia em seu idioma e em seu registro lingüístico cotidiano é uma preocupação antiga, desde a Idade Média. Afinal, conforme explicam Teixeira e Zimmer (2008, p. 59), a evolução das línguas, somado ao aprimoramento dos textos-fonte e ao avanço das chamadas Ciências Bíblicas, é uma das principais razões para a realização de uma revisão ou nova tradução.

Entre 9 e 14 de julho de 1966, foi realizado no Rio de Janeiro o Seminário de Tradução da Bíblia em Linguagem Corrente. Nessa época, já havia traduções bíblicas em linguagem contemporânea em francês, espanhol e inglês e, ao fim do evento, acordou-se que a Sociedade Bíblica do Brasil, financiada e tecnicamente apoiada pelas Sociedades Bíblicas Unidas, produziria uma Bíblia em português moderno. Finalmente, em 1973, é lançada a *Tradução na Linguagem de Hoje*, contendo apenas o texto do Novo Testamento. Passaram-se quinze anos para que uma versão completa nessa tradução fosse publicada (EKDAHL, 1993, p. 106). Diante da boa aceitação pelo público leitor, e depois de acuradas revisões ao longo de doze anos, a SBB acabou lançando a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, publicada em 2000, a qual foi amplamente aceita pelos cristãos e, inclusive, recomendada pela Conferência Nacional dos Bispos da Brasil da Igreja Católica (GIRALDI, 2013a, p. 181).

Mais recentemente, com o fortalecimento das discussões em torno da visibilidade de grupos minoritários como os portadores de deficiência ou com mobilidade reduzida e dos grupos indígenas, mudanças ocorreram na estrutura social do Brasil. Inclusive, no que diz respeito ao fornecimento de condições de acesso a esses grupos ao texto bíblico por meio da tradução. Aliás, é válido ressaltar que nesse quesito em especial, as agências missionárias cristãs de modo geral já vêm desenvolvendo há bastante tempo considerável trabalho na área de tradução da Bíblia em línguas indígenas em nosso país. Segundo dados do *site* da SBB, das cerca de 180 línguas indígenas ou autóctones e das 20 línguas de imigração, apenas pouco mais de 40 têm a Bíblia ou parte dela traduzida. O Brasil dispõe hoje de órgãos oficiais que regulamentam e realizam esse trabalho ou que capacitam tradutores para este fim. Dentre eles citamos: o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) da Igreja Católica Apostólica Romana, o Instituto Antropos, vinculado à Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT) da Igreja Presbiteriana

do Brasil, a Associação Linguística Evangélica Missionária (ALEM), o Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas (CONPLEI), a Associação de Mulheres Evangélicas Indígenas (AMEI) e a Associação Indígena de Tradutores Evangélicos (AITE).

Mas não é tudo. A Sociedade Bíblica do Brasil, criada em 1948, têm se dedicado a, além dos trabalhos tradutórios para línguas minoritárias indígenas, desenvolver traduções e materiais bíblicos acessíveis a portadores de deficiência visual e auditiva dentre os quais podemos citar “A Bíblia em áudio”, em que o texto bíblico é narrado pelo jornalista Cid Moreira, e a “Bíblia em Braile”, compêndio de 38 volumes destinado aos portadores de deficiência visual (MILLER; HUBBER, 2006, p. 231). Todo esse empenho tem propiciado ao longo dos anos uma grande variedade de traduções bíblicas servindo aos mais diversos objetivos e públicos-alvo; especialmente as chamadas traduções bíblicas em linguagem contemporânea.

2 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E A TRADUÇÃO BÍBLICA

A relação entre tradução e textos religiosos é muito antiga. Há pelo menos duas ocasiões de destaque. A primeira encontra-se justamente neste compêndio de livros: é o famoso episódio da Torre de Babel descrito no livro do Gênesis 11: 1-9. Segundo o texto, “em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar” (v.1). Os homens que haviam partido do Oriente uniram-se para construir uma cidade e uma torre, desobedecendo ao mandado de Deus de espalhar-se e encher a terra. Como punição, Deus confundiu as línguas e os dispersou. A confusão gerada na Torre de Babel serve de matriz para a prática da tradução (CAMPOS, 2004, p. 10), atividade agora necessária a fim de restabelecer a comunicação entre os homens (GUIDÈRE, 2010, p. 20). A segunda ocasião foi a tradução do Antigo Testamento em hebraico para o grego cujo resultado foi a *Septuaginta*. Segundo se conta, individualmente ou em pares (há divergências), eles se encarregaram de traduzir a Lei de Moisés e ao fim do trabalho constatou-se que todos os textos finais eram iguais (RAUPP, 2010, p. 39). Essas duas ocasiões constituem o que Guidère (2010, p. 20) chama de “os mitos fundadores dos Estudos da Tradução”⁶. Foi a partir dessa relação antiga que muitas reflexões teóricas e metodológicas da área foram desenvolvidas.

Nesse sentido, uma das contribuições da tradução bíblica e de outros textos religiosos foi instigar discussões sobre a traduzibilidade e a intraduzibilidade de um texto. Para uns, traduzi-los era uma prestação de serviço aos homens, pois lhes daria a oportunidade de ter acesso à revelação divina. Para outros, era uma verdadeira blasfêmia, pois estaria maculando o texto, comprometendo sua originalidade e autenticidade já que, segundo estes, é impossível transpor a linguagem divina à humana (ibidem, p. 23). É, então, a partir de polêmicas como esta que se começa a delinear uma teoria da tradução, a qual se desenvolveu ao longo dos anos e se pluralizou, havendo hoje múltiplas vertentes.

Por essa razão, podemos dizer que esta é uma área do conhecimento tida por polêmica e/ou heterogênea, pois “confusão” parece ser o vocábulo-chave aqui (CAMPOS, 2004, p. 10). Inicialmente, logo nos deparamos com a falta de consenso sobre o que seja traduzir. Uma das conceituações mais genéricas concebe tradução como a ação de passar um texto de um registro linguístico para outro de forma interlingual (entre línguas diferentes), intralingual (entre registros da mesma língua) ou semiótica (entre registro verbal e não verbal) (JAKOBSON, 2003, p. 63-64). Em seguida, eis outra discussão: o desenvolvimento do

⁶ Tradução nossa. Do original: « les mythes fondateurs de la Traductologie ».

trabalho tradutório. Nesse ponto, há também muitas divergências entre estudiosos sobre qual seja o método mais adequado, qual o grau de envolvimento e interferência do tradutor ou sobre quais sejam os tipos de tradução. Vemos, então, que, nesse âmbito, muitas são as opções de conceituação e de metodologia, cada uma com sua contribuição, mas nenhuma com uma posição forte o suficiente para inibir o surgimento de críticas favoráveis e desfavoráveis (CAMPOS, 2004, p. 15). Todavia, mesmo diante desse emaranhado de concepções, é possível caminharmos, com alguma segurança, orientados por princípios mais gerais.

Fazendo um recorte nessa imensidão de pontos de vista, ainda que não tenha ligação direta com a tradução bíblica, queremos fazer menção à teoria hermenêutica da tradução de Schleiermacher ([1813] 2010) tendo em vista a relevância da mesma para os Estudos da Tradução, influenciando discussões futuras na área. Essa teoria discute os diferentes métodos tradutórios empregados que, para o teórico, se resumem em dois, opostos entre si: ou o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro ou o tradutor deixa o leitor o mais tranquilo possível e faz com que o escritor vá a seu encontro; mais tarde, Venuti (1995, p. 19-20) rediscutiu a abordagem e os denominou, respectivamente, de “estrangeirização” e “domesticação”. O segundo método precisa recorrer a recursos como a paráfrase e a imitação diante das disparidades entre os sistemas de conceitos das línguas envolvidas (SCHLEIERMACHER, [1813] 2010, p. 91) o que leva a transformações formais na tradução, à hipertextualidade. Para alcançar seu objetivo, esse método é orientado por uma visão etnocêntrica desse Outro, ou seja, por primar pela língua ou cultura-alvo considera o estrangeiro (sua cultura, sua língua) como inferior em algum sentido. Por essa razão, traduções dessa natureza são chamadas também de etnocêntricas e hipertextuais, consideradas nas palavras de Berman (2002, p. 265) como traduções inautênticas por negar a identidade linguístico-cultural do autor. Essa dificuldade leva Schleiermacher a mostrar-se favorável à estrangeirização da tradução, pois esse método evidencia, entre outros aspectos, a natureza exótica do texto-fonte (ibidem, p. 71) e favorece, inclusive, diálogos culturais (ibidem, p. 77); já que para ele o autêntico fim de toda tradução é “o gozo autêntico das obras estrangeiras” (ibidem, p. 93). Encerrando a variedade de métodos nessas duas grandes esferas, Schleiermacher contribui significativamente para os Estudos da Tradução e torna-se um referencial teórico da área cujos postulados mantêm-se vigentes até aos dias de hoje.

Ademais, temos ainda um princípio que se configura como uma espécie de “meio-termo” nessa discussão. Na ala teórica funcionalista dos Estudos da Tradução⁷ encontramos a chamada Teoria do Escopo de Reiss e Vermeer (1996). No grego, “skopos” significa “meta, alvo, função”. Segundo essa teoria, o papel preponderante da tradução é identificar a finalidade dela mesma, prestando-se ao receptor como algo funcional dentro de uma situação delimitada (ibidem, p. 85). Para este fim, portanto, cabe à tradução corresponder às expectativas do público-alvo (editores e/ou leitores) segundo a maneira como eles esperam receber o texto. Dessa forma, a depender da funcionalidade da mesma, de seu escopo, o tradutor decidirá o melhor método a ser empregado em seu trabalho, sem que o ignorado seja visto como inferior. Com o foco no leitor/editor da tradução, seguir a estrangeirização ou a domesticação é na verdade uma preocupação subserviente ao escopo do trabalho e retira, em certo nível, parte da responsabilidade centrada no processo.

Tais princípios aqui apresentados, ainda pertencentes a uma linha geral dos Estudos da Tradução, podem ser aplicados à tradução dos textos bíblicos, foco desta pesquisa. Primeiramente, somemos a eles a concepção de Geisler e Nix (2006, p. 183-184), para quem a tradução é “[...] simplesmente a transposição de uma composição literária de uma língua para outra”, afim de “reproduzir, da maneira mais exata possível, o significado da mensagem original de uma forma natural no idioma ao qual se está traduzindo” (BARNWELL, 2011, p. 10). Em consonância, tomemos em consideração a constatação de Miller e Huber (2006, p. 229) que, ao tratarem dos princípios e a História da tradução bíblica, reconhecem a existência de diversas maneiras de realizá-la, sendo cada uma útil a diferentes grupos de leitores. Assim feito, compreenderemos que, sendo o objetivo das traduções bíblicas em linguagem contemporânea permitir ao leitor da Bíblia que a possa ler e compreender com mais facilidade, a finalidade da tradução orienta, então, seu modo de tradução. Consequentemente, compreenderemos que essas traduções, como a que analisaremos, são domesticadas.

Nesse aspecto, um nome que se destaca dentre tantos é o de Eugene E. Nida, responsável por outra importante contribuição que a prática da tradução bíblica deu aos Estudos da Tradução. Nida estruturou a teoria da equivalência linguística na tradução, apresentada em seu livro *Toward a Science of Translation* (1964); obra que se tornou “a ‘Bíblia’ não só para a tradução da Bíblia, mas para a teoria da tradução em geral” (GENTZLER, 2009, p. 72) e instaurou o surgimento dos Estudos da Tradução enquanto

⁷ Na visão teórica funcionalista, o modo com uma tradução deve ser realizada é orientado pelo seu objetivo, considerando a heterogeneidade dos sistemas linguísticos e culturais do texto-fonte e do texto-alvo e visando a receptividade do público.

“ciência” (ibidem, p. 73-74). Nessa obra, a partir da tradução bíblica, Eugene Nida sistematiza dois métodos: o método de tradução por equivalência formal e por equivalência dinâmica. Pelo primeiro método, traduz-se palavra por palavra (equivalência formal) respeitando a estrutura das línguas originais (no caso da Bíblia, do grego ou do hebraico e aramaico), mas também as regras da língua-alvo. Se preciso for, é possível acrescentar alguma palavra que não conste no texto-fonte para complementar o sentido. O segundo método busca a aproximação de sentido entre os textos fonte e alvo (paráfrases), valendo-se da fluência da língua de chegada sem se ater à estrutura da de partida (equivalência dinâmica). Esse método visa que o leitor receba e reaja à tradução da mesma forma que os leitores dos textos-fonte. Vemos, então, que o método a ser utilizado está intimamente relacionado ao objetivo da tradução, como assim mostramos que o dizem Miller e Huber (2006). É pertinente ressaltar que o próprio Nida participou diretamente dos trabalhos de elaboração da primeira versão do NT em linguagem contemporânea no Brasil (a *Tradução na Linguagem de Hoje*), em 1966, enquanto secretário de tradução da Sociedade Bíblica Americana, usando nesse empreendimento o método de equivalência dinâmica.

Outro nome de expressiva relevância para os Estudos da Tradução a partir da tradução da Bíblia é o de Henry Meschonnic. Este autor é o responsável por um projeto de crítica da tradução bíblica baseado na poética do ritmo, portanto, de orientação mais formal. Tratando principalmente do hebraico do Antigo Testamento, para o autor, não há verso, nem métrica na Bíblia, mas, sim, o reinado do ritmo (MESCHONNIC, 2010, p. 231-232), pois, diz ele mesmo: “[...] eu não conheço outro exemplo em que a tal ponto o sentido é construído pelo ritmo e o ritmo pelo sentido” (ibidem, p. 242). A crítica do autor gira em torno do que ele chama, em seu contexto, de afrancesamento, cristianização e helenização da tradução (ibidem, p. 232), ações estas que apagam a oralidade codificada, a estilística das estruturas linguísticas, a semiótica das ações e a poética do ritmo; elementos próprios do texto bíblico (ibidem, p. 231). Segundo o autor, a mensagem foi transmitida aos escritores de forma oral e as marcas desse registro estão presentes no texto original. Contudo, ele denuncia que os tradutores, sob a coerção da gramática, do sentido e das categorias retóricas das culturas de chegada, anulam essas marcas na tradução (desoralização), o que levou o literalismo a ser, por muito tempo, o único equivalente do sagrado (ibidem, p. 229-230). Tais reflexões quando aplicadas em outros contextos instauraram, assim, um projeto de crítica da tradução aplicável de forma geral. Mais tarde, Antoine Berman, teórico base de nossa pesquisa, tornou-se um dos críticos a esse projeto, estabelecendo um que lhe é próprio, não limitado apenas ao texto, observando o contexto da tradução, conforme veremos no terceiro capítulo.

Do ponto de vista metodológico da tradução, textos religiosos são normalmente colocados sob o rótulo de “textos sensíveis”, conforme Carlos Gohn (2001, p. 147). Na verdade, qualquer texto pode assim ser considerado, pois “a sensibilidade de um texto não está nele, mas na forma como o texto é visto” (ibidem, p. 149). São assim designados por pelo menos duas razões. A primeira, devido o grau de influência emocional que esses textos têm sobre seu público. No caso da Bíblia, é um texto que diz respeito à religiosidade das pessoas, cujas vidas são por ele orientadas. A segunda, porque são mais resistentes a mudanças, quer sejam linguísticas quer sejam de qualquer outra natureza, sob o risco de alterar a mensagem considerada divina. Por essa razão, segundo o autor, as principais questões envolvendo pesquisas nessa área são aquelas concernentes à funcionalidade e à intencionalidade da tradução, assim como à tradução de conceitos pertencentes ao contexto bíblico para línguas e culturas diferentes (ibidem, p. 151).

Quanto a essa sensibilidade por resistência à mudança, a título de exemplificação citamos a polêmica que envolveu a tradução de Martinho Lutero (1483-1546) para o alemão no registro coloquial do povo, contrariando a hegemonia do latim na época. Em Lutero encontramos o registro das primeiras reflexões sobre a tradução bíblica em linguagem contemporânea ou comum. Ele sofreu, por isso, duras retaliações por parte dos eruditos católicos, os quais resistiram fortemente ao novo modo⁸ de traduzir. O Novo Testamento foi publicado em 1522, a partir de um texto crítico grego preparado por Erasmo de Roterdã, e o Antigo Testamento foi publicado em 1534, direto do hebraico. Embora não fosse a primeira tradução bíblica para o alemão (GIRALDI, 2013a, p. 30), a versão de Lutero se distinguiu por seu modo e provocou resistência, pois

Lutero foi o primeiro tradutor da Bíblia a se preocupar não apenas com a fidelidade da tradução aos textos originais, mas também com a fidelidade à língua falada pelo povo. Embora não conhecesse os princípios linguísticos de equivalência dinâmica ou funcional, usados nas traduções modernas, ele conseguiu traduzir a Bíblia para o idioma alemão falado pelo povo alemão de seu tempo. Foi ele o precursor das traduções da Bíblia em linguagem popular ou ‘na linguagem de hoje’, feitas pelas Sociedades Bíblicas a partir da segunda metade do século XX. (grifo nosso).

Por razões linguísticas, aliadas ao seu envolvimento na Reforma Protestante em 1517 e todo o contexto social, político e religioso implicado, sua tradução foi condenada pela Igreja Católica sob a alegação de que continha erros. O trabalho de Lutero foi acusado, dentre outras

⁸ “É preciso empregar aqui o termo *modo*, uma vez que, com Lutero, não se trata de um conjunto de regras empíricas” (BERMAN, 2002, p. 61).

coisas, de macular a mensagem bíblica na passagem de Romanos 3: 28⁹ ao acrescentar ao trecho a palavra “sola”, ou “somente”, inexistente nas versões latinas e no texto grego, mas, para ele, inferida pelo contexto e necessária para traduzir a passagem segundo o falar alemão. Em sua defesa, Lutero escreve uma *Carta aberta sobre a tradução* ([1530] 2006, p. 101, 103, 105) na qual expõe todo seu projeto tradutório, dizendo:

[...] Ao traduzir, esforcei-me em escrever um alemão puro e claro.

[...] É verdade, estas quatro letras *s-o-l-a*, que as cabeças de asno admiram como as vacas a uma nova porteira, não estão no texto. Eles não veem que isso corresponde perfeitamente ao sentido do texto, e, quando se quer traduzir com clareza e consistência em alemão, deve estar presente, porque eu quis falar em alemão, não em latim nem em grego, quando me propus falar em alemão ao traduzir. Isso, porém, é propriedade de nossa língua alemã, que, quando usada para tratar de duas coisas, das quais uma é afirmada e outra negada, necessita da palavra *sollum-allein*, acompanhando a palavra *nicht* ou *kein* [não, nenhum].

[...] Aqui a palavra *allein* ajuda a palavra *kein* a produzir uma fala plena, alemã, clara. Pois não se tem que perguntar às letras na língua latina como se deve falar alemão, como fazem os asnos, mas, sim, há que se perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, e olhá-los na boca para ver como falam e depois traduzir; ai então eles vão perceber que se está falando em alemão com eles. (grifo nosso).

Como vimos no capítulo anterior, o esforço de Lutero em dar ao povo alemão a oportunidade de ter acesso e compreender a Bíblia motivou efetivamente muitos outros trabalhos de mesma linha em outros idiomas. Eis, portanto, um bom exemplo do quanto um texto religioso é sensível, pois, motivados pelo contexto da época, Lutero e a Igreja travaram uma verdadeira disputa por causa da resistência dessa última em aceitar as mudanças de cunho linguístico propostas pelo tradutor e a consequente disseminação do texto ao público comum. Resistência essa que perdurou, como já vimos, por muito tempo até que a própria Igreja Católica passou a incentivar a leitura e a tradução bíblicas, dando, inclusive, sua aprovação à *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* no Brasil.

Nesse percurso teórico cabe-nos ainda mencionar o trabalho de Taber (1972). Contemporâneo de Nida, nesta ocasião o autor discute o processo de tradução do sentido do texto e do estilo do autor usando, dentre outros, dados bíblicos como expressões idiomáticas, paralelismos da poesia hebraica e o encadeamento das ideias nos escritos do apóstolo Paulo. Dentre os estudiosos brasileiros em tradução bíblica, podemos citar Marcelo Raupp, cujos principais trabalhos são sua dissertação de mestrado (2010) e sua tese de doutorado (2015) defendidos no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal

⁹“Assim percebemos que a pessoa é aceita por Deus pela fé e não por fazer o que a lei manda” (BÍBLIA, 2009, p. 1143).

de Santa Catarina (PGET-UFSC). Nesses trabalhos, o autor estuda traduções brasileiras da Bíblia observando-as, no primeiro, a partir de alterações introduzidas nos manuscritos originais e, no segundo, a partir das marcas ideológico-doutrinárias de segmentos judaico-cristãos nas três primeiras traduções completas brasileiras.

Mas, estes não são os únicos. Citamos, ainda, o trabalho monográfico de Marina Chiara Legroski (2008), no qual a autora observa se as construções e usos linguísticos efetuados por Jerônimo na *Vulgata Latina* coincidem ou não com as do latim vulgar. Luma Queiroz Franco (2013), por sua vez, avalia como a forma e o significado são afetados quando se busca aproximar o texto do leitor, observando três traduções bíblicas brasileiras; inclusive a NTLH. Enquanto isso, Carolina Dias Pinheiro (2013) estuda os paratextos de duas traduções bíblicas em inglês, especificamente os prefácios, relatando a tradução deles e identificando seus elementos estruturais. Finalmente, destacamos mais dois trabalhos, cujo foco são as traduções bíblicas para idiomas indígenas no Brasil: o de Antônio Fernandes Góes Neto (2015), que relata o processo de tradução do Novo Testamento para o nyengatu sob o olhar da História da Tradução, e o de Dominique Tilkin Gallois (2012) que observa as modalidades de tradução usadas por missionários e a forma como os índios Wajãpi no Amapá assimilam a mensagem cristã. Certamente, esses e outros estudos não mencionados servem de base para a continuidade da investigação da tradução bíblica; assim esperamos.

O fato é que, independente de concepções teórico-metodológicas, muitos projetos de tradução da Bíblia têm sido desenvolvidos e, assim, ainda há muito a ser investigado pelos Estudos da Tradução; tanto na teoria quanto na prática. O livro mais vendido de todos os tempos (GENTZLER, 2009, p. 231) e o livro mais traduzido do mundo (SILVA, 2014, p. 69) a cada ano chega às mãos de um número maior de pessoas graças a esse trabalho, nas mais variadas formas e especialidades. Segundo dados coletados por Silva (loc. cit), a Bíblia já foi traduzida para mais de 2800 línguas e, segundo dados do projeto Visão 2025¹⁰, ainda restam em torno de 2.300 línguas minoritárias que não possuem nenhuma tradução da Bíblia.

Assim, de nação em nação, a Bíblia tem conquistado espaço em nível mundial. Uma das consequências desse amplo alcance é que cada país onde ela está disponível certamente possui a sua própria diversidade de traduções,

¹⁰ A Visão 2025, de competência da Missão ALEM (Associação Linguística Evangélica Missionária), é um movimento de desafio à tradução da Bíblia que teve início em 1999, encabeçado por linguistas, antropólogos e missiólogos comprometidos com a ordem de Jesus de evangelizar o mundo todo. A meta desse movimento é mobilizar as igrejas cristãs para que venham a se juntar em parceria com as agências missionárias que trabalham visando a tradução da Bíblia e recrutar candidatos ao trabalho transcultural, treiná-los e enviá-los às 2.300 línguas que ainda restam no mundo sem nenhum programa de tradução bíblica. Espera-se que até 2025 a Bíblia seja traduzida em todas essas línguas minoritárias.

alguns contando com uma variedade maior, outros, com uma menor. (RAUPP, 2015, p. 25).

Diante do exposto, percebemos que a tradução bíblica é uma área importante dentro dos Estudos da Tradução, o que reforça nossas outras duas justificativas para a realização desta pesquisa. Primeiro, a de que é uma área profícua no fornecimento de dados para estudos de leigos, teólogos e especialistas em tradução. A segunda de que, diante de tão grande relevância e abrangência, é importante para a qualidade do próprio trabalho tradutório que se estabeleçam críticas aos projetos já existentes com vistas ao aperfeiçoamento deste. Avançaremos um pouco mais nessa discussão no capítulo que se segue.

3 A ANALÍTICA DA TRADUÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

No primeiro capítulo apresentamos um panorama histórico das traduções bíblicas. Nesse percurso vimos quão profícuo é esse trabalho tradutório e, paralelamente, quão polêmico. Por sua resistência a mudanças de qualquer natureza, a Bíblia é um texto sensível e sua tradução acaba normalmente provocando críticas tanto favoráveis como contrárias. Nesse sentido, merece especial atenção a tradução bíblica em linguagem contemporânea ou comum que, desde Lutero, tem sido realizada e criticada. Muito do que se disse sobre traduções assim foi, conforme o segundo capítulo nos apresentou, a base para o estabelecimento de teorias da tradução, como a da equivalência dinâmica de Nida, e de um vasto campo de dados a serem pesquisados pelos Estudos da Tradução e áreas afins; principalmente quanto aos métodos utilizados e a fidelidade do texto-alvo ao texto-fonte. Dessa forma, é exatamente na intersecção entre a prática e a teoria apresentadas nesses dois capítulos que está ambientada a nossa pesquisa, pois entendemos que diante de um texto tão traduzido e tão polêmico, principalmente quando em linguagem contemporânea, é necessário estabelecer uma crítica de tradução baseada em princípios teórico-metodológicos firmes, visando refutar ou embasar avaliações pautadas em senso comum.

No recorte de teorias que esboçamos rapidamente, percebemos que há, desde Schleiermacher, a preocupação em avaliar as chamadas traduções domesticadas, em que o texto-fonte é acomodado ao sistema da língua-alvo, como é o caso da NTLH. Neste capítulo, essa discussão será aprofundada e para tal apresentaremos a teoria da Analítica da Tradução de Antoine Berman bem como seu projeto de crítica da tradução, o qual, embora idealizado para e a partir da prosa literária, acreditamos poder ser aplicado também às traduções bíblicas etnocêntricas.

3.1. ANTOINE BERMAN E A ANALÍTICA DA TRADUÇÃO

Antoine Berman (1942-1991) é um profissional e estudioso de tradução francês, versado em alemão, francês e espanhol além de um profundo conhecedor e estudioso da História da Tradução; especialmente da tradição romântica alemã de onde procedem nomes como Lutero, Schleiermacher, Goethe, Humboldt, Schelegel e Hölderlin. A propósito, o único livro publicado por Berman em vida, *A prova do estrangeiro* (2002), foi dedicado a discutir histórica e teoricamente as teorias desenvolvidas por cada um deles. A maior parte da

produção de Berman é póstuma, formada por artigos e conferências compiladas e publicadas em forma de livro por sua esposa Isabelle Berman. Eis algumas dessas obras¹¹: *A tradução e a letra ou O albergue do longínquo* (2013), *Jacques Amiot, traducteur français* (2012), *L'Âge de la traduction* (2008) e *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995). A primeira consiste em um seminário proferido pelo autor em 1984 no Collège International de Philosophie em Paris, do qual ele era um dos diretores. Nesse seminário, Berman expõe críticas à tradução de cunho etnocêntrico e analisa algumas traduções clássicas refletindo sobre a relação entre a letra e o sentido ali presentes. Na segunda obra, o autor apresenta o então desconhecido Jacques Amyot, um dos grandes tradutores franceses que, no século XVI, contribuiu para a formação de uma história da tradução na França. Berman, inclusive, foi diretor de um centro de terminologia e tradução em nome de Amyot. A terceira obra citada é parte de um conjunto de seminários que o autor estava preparando durante o tempo em que esteve enfermo, antes de sua morte; sua esposa recolheu os manuscritos inacabados e com ajuda de alguns colegas os editou e publicou. No caso em questão, temos o comentário de um ensaio sobre a tarefa do tradutor, escrito por Walter Benjamin, teórico que influenciou a formação de Berman. Por fim, na última obra mencionada encontramos o que o próprio autor disse ser um “esboço” de um projeto próprio de crítica tradutória (BERMAN, 1995, p.64), seguido de sua aplicação em traduções de poemas do poeta inglês John Donne.

Esses escritos fundamentam o que Berman chamou de Tradutologia, a qual “não se trata aqui de *teoria* de nenhuma espécie. Mas, sim de *reflexão*” (idem, 2013, p. 22). As discussões apresentadas pelo autor são produtos da relação que se estabelece, agora, pela experiência/reflexão substituindo a relação teoria/prática (ibidem, p. 23). Essa reflexão da tradução sobre si mesma, proposta pelo autor (ibidem, p. 23-31), é consciente, o que acaba por produzir um saber próprio sobre a tradução distinguindo-a de outras manifestações da linguagem, como a literatura, buscando dar conta do caráter transcendental e plural que lhe é inerente. Esse novo olhar sobre a tradução levou-o a ser reconhecido como “o mais importante teórico e crítico da tradução da França do século XX” (ibidem, p. 6).

Em suas reflexões, ancoradas em autores como Schleiermacher, Berman advoga contra a tradução etnocêntrica e hipertextual. Nesse tipo de tradução, a língua-alvo, impondo-se sobre a estrangeira, é a responsável por captar o sentido e submetê-lo ao seu sistema considerado mais adequado (ibidem, p. 45). Estão envolvidos aqui dois princípios: o de que a tradução de uma obra estrangeira não deve ser “sentida” como tal e o de que é preciso traduzir

¹¹ As obras cujos títulos estão em francês não foram até então traduzidas para o português.

como se o autor estrangeiro tivesse escrito na língua-alvo da tradução (ibidem, p. 46). Como explicou Schleiermacher ([1813] 2010, p. 57), é o trabalho de trazer o autor até o leitor dentro do sistema linguístico da língua materna deste. Para este autor (ibidem, p. 81), inclusive, esta é uma meta utópica e inoperante, já que o tradutor deve lidar com o aspecto cognitivo e enunciativo do tradutor, o que é inteiramente subjetivo e abstrato (ibidem, p. 79).

Para alcançar esse objetivo, é preciso recorrer à literarização, ou seja, aos recursos estéticos literários e/ou à reformulações nas estruturas linguísticas que garantam, como pretendeu Lutero, por exemplo, traduzir não só para, no caso, o alemão, mas para um “bom” alemão, aquele falado pelo povo comum (BERMAN, 2013, p. 46-47). As decisões tomadas nesse intento podem levar, diante da dessemelhança entre os sistemas das línguas envolvidas, à produção na verdade de paráfrases e adaptações da obra estrangeira (SCHLEIERMACHER, ([1813] 2010, p.93) e não de uma verdadeira tradução (ibidem, p. 53), segundo essa linha de pensamento.

Conforme Berman (2013, p. 50), outra característica dessa tradução, embora menos expressiva na discussão geral do autor, é sua face sincrética, integrada à tradução etnocêntrica desde a origem desta, ainda nos tempos romanos, quando se empreendeu a latinização do mundo grego em todas as esferas artístico-culturais. Consequentemente, há ainda por trás uma abordagem filosófica platônica desse tipo de tradução que crê na existência de um sistema universal de unicidade das línguas, o qual funda a tradução e é por ela demonstrado (ibidem, p. 44). Dessa forma, prima-se pelo sentido (mais elevado, puro), ignorando-se a letra (inferior, desprezível), tendo a língua-alvo como referência para captação do sentido, que “para tanto, deve ser despojado de tudo o que não se deixe transferir” (ibidem, p. 45). O etnocentrismo, a hipertextualidade e o platonismo compõem a tripla dimensão da figura tradicional da tradução e sobre ela repousa a crítica de Berman (ibidem, p. 35) por desconsiderar, em muitos casos, a existência de um contrato de interligação entre a tradução e o original. Para o autor (ibidem, p. 53), “esse contrato [...] proíbe ir além da textura do original. Estipula que a criatividade exigida pela tradução deve colocar-se inteiramente a serviço da reescrita do original na outra língua e nunca produzir uma sobre-tradução determinada pela poética do tradutor”.

Uma tradução assim encobre uma dimensão, para Berman, inversa e mais profunda, a qual é ao mesmo tempo ética, poética e pensante (ibidem, p. 34). Ética no sentido de reconhecer o Outro enquanto Outro (ibidem, p. 95), ou seja, ao não omitir a referência estrangeira da tradução de modo que o tradutor ameace desempenhar o papel próximo ao de um autor em sua domesticação do texto-fonte. “Ora, a tradução, com seu objetivo de fidelidade, pertence originariamente à dimensão ética. Ela é, na sua essência, animada pelo

desejo de abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua” (ibidem, p. 97). É também poética porque busca produzir um texto com textualidade própria, ainda que se mantenha estreita fidelidade à própria poética do texto-fonte (idem, 1995, p. 92). Há um ritmo que precisa ser observado (pelo qual Meschonnic tanto primou em suas análises de traduções bíblicas francesas¹²) e que a tradução hipertextual, por preferir o sistema linguístico de chegada, tanto negligencia. É, por fim, pensante, em oposição ao caráter filosófico platônico da tradução etnocêntrica, porque há uma relação entre a letra e o sentido que não pode ser desprezada, o que torna a tradução paradoxalmente ao mesmo tempo uma traição e uma impossibilidade (idem, 2013, p. 55).

Essa dimensão da tradução defendida por Berman se define na relação com a letra e para revelá-la “é necessário operar uma destruição da tradição etnocêntrica, hipertextual e platônica” (ibidem, p. 34). Mas, essa destruição deve ser fundamentada tanto em uma análise das escolhas linguísticas e literárias da prática da tradução quanto numa análise textual mais profunda, pois “todo texto a ser traduzido apresenta uma sistematicidade própria que a tradução encontra, enfrenta e revela” (idem, 2002, p. 20). É no processo de descoberta e transmissão desse sistema que o tradutor deve observar a ética tradutória, ou seja, um certo respeito pelo original, atentando para as forças que orientam seu trabalho. Por essa razão,

o tradutor deve “colocar-se em análise”, recuperar os sistemas de deformação que ameaçam a sua prática e operam de modo inconsciente no nível de suas escolhas linguísticas e literárias. Sistemas que dependem simultaneamente dos registros da língua, da ideologia, da literatura e do psiquismo do tradutor. (BERMAN, loc. cit.).

Só assim é possível acessar a verdade ética e histórica da tradução (idem, 2013, p. 61), bem como seu caráter ontológico (idem, 2002, p. 17). É a essa análise que Berman chama de Analítica da Tradução. Ela consiste no exame de treze tendências deformadoras que operam inconscientemente em toda tradução, como um jogo de forças, e que a impedem de alcançar seu objetivo (idem, 2013, p. 63), uma vez que a finalidade delas é privilegiar o sentido e a bela forma, em detrimento da letra (ibidem, p. 67). Essa forma de traduzir, conforme já vimos, é para o autor uma inversão de valores. Diz ele que

A tradução regida por estas forças e tendências é fundamentalmente *iconoclasta*. Ela desfaz a relação *sui generis* que a obra instituiu entre a letra e o sentido, relação onde é a letra que ‘absorve’ o sentido. Ela o desfaz para instituir uma relação inversa, onde das ruínas da letra deslocada brota um sentido “mais puro”. (ibidem, p. 86).

¹² “Vocês pensariam que o sentido seria o que contava mais na linguagem. O ritmo prova o contrário. O ritmo neste caso, vos oferece mais.” (MESCHONNIC, 2000, p. 243).

Convém esclarecer, antes de avançarmos um pouco mais, que a Análítica de Berman foi proposta para um contexto específico. Essas tendências deformadoras foram sistematizadas a partir de duas variáveis. A primeira é a experiência do autor após a análise de várias traduções da prosa literária (ibidem, p. 64), gênero cuja principal sensibilidade é o respeito à sua polilogia informe (ibidem, p. 67), ou seja, à multiplicidade de seus discursos. A segunda é o contexto linguístico do francês, de forma que o autor reconhece a possibilidade de que algumas delas digam respeito apenas à língua francesa (BERMAN, loc. cit.). Entretanto, Berman afirma que elas concernem a toda tradução e a todas as línguas ao menos ocidentais (ibidem, p. 67-68). Por essa razão, acreditamos que essas deformações podem ser encontradas em traduções etnocêntricas de outros textos, como a Bíblia em linguagem contemporânea ou comum, por exemplo. Tal é nossa hipótese de pesquisa. Conheçamos, pois, as tendências deformadoras.

Todo texto tem um plano de construção próprio no que diz respeito à sua estrutura sintática e à sua pontuação; o que se chama de arborescência textual. A primeira deformação apontada por Berman na tradução, a racionalização (ibidem, p. 68), interfere justamente nesse elemento. Diz-se que um texto foi racionalizado quando o tradutor buscou fazer um arranjo na sequência das frases, interferindo na pontuação, instaurando uma nova ordem do discurso diferente da do original. Nesse sentido, o tradutor destrincha a arborescência textual do texto-fonte e apresenta uma tradução linear. Essa deformação é responsável ainda pela aniquilação do objetivo de concretude da prosa literária, pois passa a abstrair/generalizar elementos do texto através, por exemplo, da substituição de um substantivo específico no original por um mais geral na tradução (ibidem, p. 69).

A segunda deformação apresentada por Berman trata de dar clareza aos sentidos das palavras; é a clarificação. Considerando que a prática da tradução é, em si mesma, explicitante (ibidem, p. 71), essa deformação pode ser entendida de duas formas. A primeira, positiva, é a explicitação de algo oculto no original e que acontece pela natureza do próprio ato de traduzir. Já a segunda, tida por negativa, é a iluminação do que não está e/ou não quer ser evidente no texto original, por meio da tradução explicativa ou da passagem da polissemia para a monossemia, por exemplo.

Quanto à terceira deformação, o alongamento, ela é uma consequência das duas primeiras. Sua atuação se dá no aumento da massa bruta do texto, pois normalmente tem função explicativa, sem, contudo, acrescentar nada à significância do texto (ibidem, p. 72), apesar de interferir na clareza própria dele. Ademais, o alongamento acaba por afetar o ritmo próprio da obra ao afrouxar as estruturas sintáticas do original, estando, dessa forma, a serviço

da racionalização (BERMAN, loc. cit.) e do próprio traduzir em si. Segundo Berman (ibidem, p. 72-73), “notamos que o alongamento se produz - em diversos graus - em todas as línguas para as quais se traduz, e que não há essencialmente uma base linguística. Não: trata-se de uma tendência inerente ao traduzir enquanto tal”.

A quarta tendência deformadora apresentada é o enobrecimento. Diz-se que o tradutor enobreceu o texto quando se percebe que a forma da tradução é “mais bela” que a do original, graças à influência da estética sobre o discurso. “A estética vem aqui completar a lógica da racionalização: todo discurso deve ser um *belo* discurso” (ibidem, p. 73). Essa deformação é marcada pela presença de “frases elegantes”, criadas não pela tradução do original, mas a partir dele, a fim de despi-lo de seu peso original, aniquilando sua riqueza oral e sua dimensão polilógica informal característica (ibidem, p. 74). O inverso desta deformação é a vulgarização; e não é menos deformadora, segundo o autor (BERMAN, loc. cit.). Em passagens tidas por populares no original, como quando se tem o uso de registros linguísticos de menor prestígio, o tradutor tende a vulgarizar o texto adequando esses registros a uma linguagem falada, traindo, assim, a oralidade rural e o código restrito dos falares urbanos, por exemplo (BERMAN, loc. cit.).

A quinta deformação, o empobrecimento qualitativo, acontece quando na tradução consegue-se devolver o sentido, mas nunca a verdade sonora da palavra ou expressão na língua original (ibidem, p. 75). Ou seja, diz respeito à perda da riqueza sonora e significativa quando palavras ou expressões em geral do original são substituídas por outras sem a mesma riqueza icônica (BERMAN, loc. cit.). Para Berman, “é icônico o termo que, em relação ao seu referente, ‘cria imagem’, produz uma consciência de semelhança” (BERMAN, loc. cit.). Essa imagem, portanto, não consegue ser (plenamente) transmitida pela tradução.

Parecido com o anterior, o empobrecimento quantitativo, sexta deformação, diz respeito à perda de material lexical na tradução. Nesse caso, a variedade ou cadeia de significantes para o mesmo significado presente no original é simplificada na tradução (ibidem, p. 76). Como estratégia compensatória, muitas vezes o tradutor acaba recorrendo ao alongamento, acrescentando significantes explicativos que não possuem relação com a malha lexical do original (ibidem, p. 77). É, portanto, ao mesmo tempo um empobrecimento e uma adulteração.

Como resultado de todas as deformações já apresentadas até aqui, a homogeneização é a sétima tendência deformadora; apresentada em poucas palavras pelo autor. “Frente a uma obra heterogênea - e a obra em prosa o é quase sempre - o tradutor tem tendência a unificar, a homogeneizar o que é da ordem do diverso, do disparate” (BERMAN, loc. cit.). Para Berman,

essa deformação se distingue como tal por ser inerente ao próprio trabalho do tradutor, estando ligada à subjetividade deste (BERMAN, loc. cit.).

Também sem maiores explicações, Berman identifica que, na tradução etnocêntrica hipertextual, ocorre a destruição dos ritmos do original; oitava deformação (ibidem, p. 78). Todo texto, poético ou em prosa, possui uma ritmicidade própria. Esse ritmo está atrelado à cadeia dos significantes, como já vimos, e com a própria pontuação. Quando a tradução afeta esse sistema, seja pelos empobrecimentos mencionados acima ou pela ação da racionalização na pontuação do texto, ela acaba gerando tal deformação.

Essas destruições apresentadas repercutem também em níveis mais inferiores do texto. A nona deformação listada por Berman é a destruição das redes de significantes subjacentes que todo texto possui. Elas se formam e se relacionam sob a superfície textual, constituindo uma das maneiras de estabelecer rítmica e significado à obra, mas nem sempre são percebidas e mantidas pela tradução (ibidem, p. 78-80). “Por exemplo, um autor como Beckett, emprega no âmbito da visão certos verbos, adjetivos e substantivos - não outros” (ibidem, p. 80).

Essa onda de destruição sinalizada por Berman afeta, inclusive, a construção das frases do texto, a relação estabelecida no emprego dos diferentes tempos verbais e, ainda, a estrutura das orações subordinadas. É a deformação que ele chama de destruição do sistematismo (BERMAN, loc. cit.). Como outras deformações, essa é resultante da ação da racionalização, aliada à clarificação e ao alongamento que acabam inserindo elementos não previstos pelo original. O resultado é um texto sem uma sistemática (sintática) estabelecida, uniforme, desprovido de uma identidade enquanto texto e/ou de autoridade enquanto tradução. Por essa razão, “o leitor percebe, no entanto, a inconsistência do texto da tradução, na medida em que raramente confia nele, e não o vive como o ‘verdadeiro’ texto nem como um ‘verdadeiro texto’” (ibidem, p. 81).

Outro aspecto da prosa literária atingido pelo sistema de deformações, segundo o autor, é a rede de linguagens vernaculares. Ela faz parte da polilogia da prosa, sendo mais icônica que a língua culta e mais arraigada ao contexto oral (ibidem, p. 81-82). Na tradução podem acontecer dois movimentos: a destruição ou a exotização dessas redes (ibidem, p. 82). No primeiro caso, ações como omissão de diminutivos ferem a textualidade da obra. No segundo, marcar o que não é original com itálico ou acrescentar algo explicativo ao elemento vernacular gera certa conotação de estranhamento.

Esse vernáculo se mostra através de locuções expressas por imagens, provérbios e modos de dizer, veiculando sentidos ou experiências. A tradução etnocêntrica também destrói essas locuções; a décima segunda deformação. A título de exemplificação, Berman discute a

busca por equivalentes entre provérbios considerando tal atitude como um equívoco. Para ele (ibidem, p. 84), “traduzir não é buscar equivalências. Ademais, querer substituí-los significa ignorar que existe em nós [o que ele chamou de] uma consciência-de-provérbio que perceberá imediatamente no novo provérbio, o irmão de um outro, local”.

Finalmente, a última deformação identificada por Berman é o apagamento das superposições de língua, uma vez que na prosa literária pode existir a interação entre dialetos e a língua culta ou entre várias línguas cultas. A título de exemplificação, Berman (ibidem, p. 85) cita a interpenetração entre língua portuguesa culta e os falares típicos do Nordeste na obra de Guimarães Rosa, mostrando que a tradução tende a apagar essa relação de tensão e integração entre esses registros linguísticos.

Para o autor, todas essas deformações são ações em favor da destruição da letra do original. Essas ações podem ser entendidas como uma das formas de lidar com a própria obra ou como tendo sido propostas por ela própria (ibidem, p. 86). Assim, para Berman (ibidem, p. 87), a tradução, quando centrada no sentido, acaba sendo um dos principais modos de destruição das obras; assim como a crítica. De acordo com o pensamento dele, “quando ‘criticamos’ o sistema das tendências deformadoras, o fazemos em nome de uma outra essência do traduzir. Pois, se, de certa forma, a letra deve ser destruída, de outra - mais essencial - ela deve ser salva e mantida” (BERMAN, loc. cit.). São essas considerações que permeiam a análise crítica que fazemos aqui à NTLH.

3.2. O PROJETO DE CRÍTICA TRADUTÓRIA DE ANTOINE BERMAN

Como vimos, a Analítica da tradução de Berman é, em si, uma análise crítica ao caráter etnocêntrico, hipertextual e platônico da tradução. De um modo geral, a crítica tradutória existe sobre as mais variadas formas sendo, normalmente, pautada sob o modelo da comparação (idem, 1995, p. 14). Em decorrência disso, ela parece apenas ter um sentido de avaliação: o negativo; como se sua função fosse apenas a de denunciar as perdas causadas pela tradução ou os erros do tradutor (ibidem, p. 38), colocando este como o réu de um crime. Esse sentido negativo da crítica tende apenas a julgar, lançando sobre a tradução duas acusações: a dela não ser o original, no sentido de equivalência, e a de ser inferior a ele (ibidem, p. 41); não se preocupando em dar qualquer outro tipo de contribuição ao trabalho. Todavia, Berman defende a existência de um sentido positivo na crítica. Embora reconheça que, em algum momento, toda tradução “apresenta defeitos”, por maiores que sejam os esforços para escondê-los (ibidem, p. 42), a função das traduções é comunicativa,

contribuindo para o enriquecimento da língua e da literatura receptoras. Ela busca tornar-se obra em si mesma, um “novo original” (BERMAN, loc. cit.) e pode até mesmo se consolidar como um patrimônio linguístico/literário na língua de chegada, tal como aconteceu com a Bíblia de Lutero na Alemanha.

Daí decorrem dois modelos. O primeiro deles é o de Meschonnic, sobre o qual já falamos um pouco anteriormente. Ele prima pela poética do ritmo dos textos originais e o objetivo de seu modelo crítico é denunciar precisamente os “defeitos” da tradução, apontando possibilidades de consertos e responsabilizando os tradutores por eles, não o original (ibidem, p. 47). O segundo é o modelo descritivo de orientação sociocrítica da Escola de Tel’Aviv, cujos principais representantes são Toury e Brisset. Nesse caso, a crítica tradutória se desenvolve a partir de um exame sociohistórico, cultural e ideológico das condições de produção de uma tradução (ibidem, p. 51). Estas são afetadas por um conjunto de “normas”, ou seja, uma gama de valores intersubjetivos de um grupo social, “traduzidos” em operações funcionais específicas e que determinam as transformações operadas pelo tradutor (BERMAN, loc. cit.). Segundo este modelo, “a tradução ‘verdadeira’ é aquela que é ‘adequada’ a um dado momento, etc. Adequada não à obra de partida (orientada pela fonte), mas à cultura de chegada (orientada pelo alvo)¹³” (ibidem, p. 58).

Considerando esses modelos, Berman institui o que ele chama de um “trajeto analítico possível” da tradução, elaborando metodologia e conceitos próprios (ibidem, p. 64). De um modo geral, essa crítica se estabelece em dois momentos (ibidem, p. 16). No primeiro, é preciso empreender uma busca pelo sujeito tradutor, proposto a partir de leituras e releituras da tradução. Para evitar a subjetividade da análise, o crítico deve identificar as seguintes categorias hermenêuticas: quem é o tradutor, qual sua posição tradutiva e qual seu projeto e horizonte tradutivos. No segundo momento, passa-se, então, à comparação entre texto-fonte e texto-alvo. A fim de expor uma crítica compreensível na escrita, o analista deve atentar para alguns princípios como a clareza da exposição, a reflexão dos fatos e suas implicações. Assim, o autor busca emitir um julgamento da tradução de base não subjetiva e não dogmática, mas consensual (BERMAN, loc. cit.).

A primeira etapa, ou trabalho preliminar, consiste em uma apropriação pela leitura do texto da tradução. Despido de qualquer julgamento preestabelecido, o analista deverá ler e reler a tradução quantas vezes se fizerem necessárias, a fim de que possa atestar se o texto se

¹³ Tradução nossa. Do original: « la traduction « vraie » est celle qui est « adéquate » à tel moment, etc. Adéquate non à l’oeuvre de départ (source-oriented), mais à la culture d’arrivée (target-oriented) ».

impõe como tal. Em outras palavras, deverá analisar de modo elementar se a tradução é “bem escrita” e se ela se constitui um “verdadeiro texto” com sistematicidade própria garantida (ibidem, p. 65). A releitura permite ao analista encontrar as chamadas “zonas textuais” problemáticas e as miraculosas (ibidem, p. 66). O primeiro tipo diz respeito às partes da tradução sensíveis ao fenômeno da interferência linguística, sendo, assim, mais suscetíveis às deformações. O segundo tipo diz respeito às partes da tradução que conservaram de forma harmônica uma escrita estrangeira, mas sem nenhum contraste.

É nessa etapa que o analista deve dar atenção ao sujeito tradutor. De acordo com Berman (ibidem, p.73), para compreendermos a lógica do texto traduzido é preciso conhecer o tradutor e seu modo de trabalho. Uma vez conhecendo o tradutor, é preciso compreender qual sua posição tradutória, ou seja, qual o “‘compromisso’ entre a maneira pela qual o tradutor percebe enquanto sujeito tomado por sua pulsão de traduzir a tarefa da tradução e a maneira pela qual ele ‘internalizou’ o discurso ambiente sobre o traduzir (as normas)¹⁴” (ibidem, p. 73-74). Somadas à essa posição subjetiva do tradutor, as exigências específicas de produção da obra a ser traduzida determinam o projeto da tradução. Ou seja, é a partir dessa relação que o tradutor decidirá a maneira como realizará o trabalho (ibidem, p. 76). Esse projeto só é percebido pela crítica quando ela toma a tradução em seu total. Só então é possível identificar como a tradução foi feita e quais as consequências de tal projeto em relação ao original. No fim dessa análise, será possível identificar o horizonte do tradutor, ou seja, “o conjunto de parâmetros linguísticos, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar de um tradutor¹⁵” (ibidem, p. 79) durante a realização de seu trabalho. Com esse leque de informações, será possível, portanto, ao analista identificar o como, o porquê e a lógica do sistema da tradução, tantas vezes ignorado em análises tradutórias (ibidem, p. 72).

Tendo, dessa forma, estabelecido o cenário da tradução, o analista deve voltar-se para a leitura e a análise do texto original. A essa ação, Berman chama de pré-análise textual: o analista fará aqui o mesmo trabalho que certamente fez o tradutor antes de traduzir, ou seja, identificar os sistematismos e os traços estilísticos da obra, a relação entre a escrita, a língua e rítmica do texto, por exemplo (ibidem, p. 67). O passo seguinte é a seleção dentre essas estruturas de exemplos pertinentes e significativos no original (ibidem, p. 70), os quais, após

¹⁴ Tradução nossa. Do original: « [...] le « compromis » entre la manière dont le traducteur perçoit en tant que sujet pris par sa pulsion de traduire, la tâche de la traduction, et la manière dont il a « internalisé » le discours ambiant sur le traduire (les « normes ») ».

¹⁵ Tradução nossa. Do original: « [...] l’ensemble des paramètres langagiers, littéraires, culturels et historiques qui « déterminent » le sentir, l’agir et le penser d’un traducteur ».

avaliação interpretativa, serão confrontados com a tradução. Nesse confronto de sistemas, será possível identificar os distanciamentos entre os textos e, então, poder emitir uma avaliação sobre a tradução: positiva, mitigada, (gravemente) defeituosa/poeticamente insuficiente/fundamentada sob um projeto errôneo (ibidem, p. 37).

Esse confronto consiste na segunda etapa do trajeto analítico de Berman. É preciso, primeiro, considerar a extensão da tradução, de modo que uma totalidade do texto seja examinada, e não apenas excertos isolados independentemente do gênero textual (ibidem, p. 83). Outro aspecto que precisa ser observado e que influencia a análise é a ocorrência de outras traduções do mesmo texto. Se a tradução ora analisada é, na verdade, uma re-tradução será bastante profícuo comparar as versões existentes; tanto as do passado, como as contemporâneas e, inclusive, as traduções estrangeiras (ibidem, p. 84). Nesse entranhado de projetos e horizontes tradutórios reside o que o autor chama de valor pedagógico da análise comparativa da tradução, o qual permite ao receptor da crítica abrir-se a uma visão não dogmatizada e tradicional de tradução (ibidem, p. 85).

Segundo Berman, estruturalmente falando, essa crítica se estabelece de um modo quádruplo (ibidem, p. 85-87). Inicialmente, se deve confrontar os exemplos estilísticos relevantes do original com seus correspondentes na tradução. Em seguida, confronta-se as zonas textuais problemáticas e/ou miraculosas da tradução com o respectivo original. A partir de então, segue-se a consulta às outras traduções (se disponíveis) para, finalmente, confrontar a tradução e seu respectivo projeto, atentado para os possíveis defeitos encontrados, explicados pela “finitude” do tradutor. Dessa maneira, é possível ao crítico manter-se fiel aos dois fundamentos da avaliação, quais sejam, para Berman (ibidem, p. 91-65), a ética e a poética da tradução.

Uma vez que este trabalho consiste em um registro escrito, Berman finaliza a apresentação de seu esboço de análise traçando orientações sobre a redação do texto crítico (ibidem, p. 87). A preocupação do autor é clara: produzir um texto de fácil compreensão para o leitor, ou seja, lisível, e que estimule o mesmo a reler a crítica. O autor chama a atenção para alguns perigos aos quais os analistas devem estar atentos. O primeiro é a incompreensão por parte do leitor dos conceitos e terminologias usados na análise. O segundo é o uso recorrente de trechos da língua original sem esclarecimentos ao leitor sobre os trechos em destaque. O terceiro, e último perigo, é a produção de um texto denso, massante, que dificulta e desencoraja a leitura. Para dar maior transparência ao leitor, Berman sugere que o analista recorra a três procedimentos de escrita: a clareza na exposição, a reflexão das ideias e a digressão de questões subjacentes a discussão ora em questão (ibidem, p. 89-90).

Na medida do possível, dadas as limitações estruturais desse texto e os objetivos de nossa pesquisa, nos esforçaremos ao máximo para cumprir com a organização desse projeto. Algumas etapas encontram-se diluídas ao longo da análise. De um modo geral, a crítica à NTLH nos moldes desses princípios teórico-metodológicos se confunde com a estrutura do texto monográfico ora apresentado.

4 ANÁLISE DA “NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE” DA BÍBLIA À LUZ DA ANALÍTICA DA TRADUÇÃO

Vimos, historicamente, quão intensa é a tradução da Bíblia, iniciando-se antes mesmo de nossa era e intensificando-se e difundindo-se ao longo dela. Diante de tanto trabalho, sob vários métodos e objetivos diferentes, acabou provocando reflexões teóricas no campo dos Estudos da Tradução ou foi por elas também afetada. Recentemente, alguns projetos de tradução bíblica têm se preocupado em atualizar a linguagem de suas versões, empreendendo novos esforços para publicar bíblias em linguagem contemporânea ou comum. Tais ações vêm garantindo, assim, que o texto bíblico, outrora em linguagem culta e/ou desatualizada, se torne mais acessível a um número maior de leitores. Esses projetos tradutórios, portanto, seguem o método da equivalência dinâmica e muitas vezes geram, portanto, traduções etnocêntricas como a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*.

No capítulo anterior, apresentamos a orientação teórico-metodológica de nossa pesquisa. Neste, portanto, aplicaremos as discussões realizadas até aqui à referida versão. Inicialmente, com base na proposta de crítica de Berman (1995), descreveremos o projeto de tradução da NTLH seguido da análise de um excerto da obra, atentando, no confronto entre texto-fonte e texto-alvo, para o sistema de deformações já apresentado. Assim, será possível averiguar a aplicabilidade da Analítica da Tradução (idem, 2013), pensada inicialmente para a prosa literária, em outras traduções etnocêntricas, e como ela contribui para o objetivo funcional desta versão.

Evidentemente, diante da extensão da obra, não é possível analisarmos todo o texto bíblico. Duas variáveis auxiliaram a delimitação do *corpus*. A primeira delas diz respeito à instrução em caráter instrumental do pesquisador em grego bíblico e a disponibilidade de materiais de referência para consultas ao texto-fonte em grego, a qual conduziu à delimitação da pesquisa ao Novo Testamento. O *Novo Testamento Interlinear Analítico*, aparato crítico de Gomes e Olivetti (2015), será tomado como texto-fonte e, além de léxicos grego-português, gramáticas de grego e livros de exegese bíblica, nos auxiliará na análise textual da língua de partida. Essa obra foi compilada a partir do *Texto Majoritário*, com base no *The Greek New Testament According to the Majority Text Second Edition* de Zane Hodges e Arthur Farstad, publicado nos Estados Unidos pela Editora Thomas Nelson. Essa publicação, segundo os

editores, se destaca por propor um retorno a método gramático-histórico¹⁶ de interpretação bíblica e pela determinação ao texto e identificação acurada das discrepâncias com e entre outras edições críticas do *Textus Receptus* e do *Texto Crítico*, de Nestle-Aland. No centro da página encontra-se o texto grego, uma tradução interlinear que busca dar o significado imediato das palavras e uma tradução livre idiomática realizada pelos autores. Nas colunas laterais estão dispostos, de um lado, a nova tradução dos autores visualmente organizada e, do outro, a análise morfológica das palavras.

A segunda variável, sendo esse testamento ainda muito extenso para as limitações da pesquisa, é a relevância do texto bíblico escolhido. Delimitamos, então, como *corpus* de análise o capítulo 5 da epístola do apóstolo Paulo aos romanos, o qual contém vinte e um versículos. Essa carta é considerada pelos teólogos, por sua extensão e conteúdo, como uma suma doutrinária do cristianismo, sendo importante para a compreensão básica da mensagem da fé cristã. O trecho em análise é um dos pontos-chave da argumentação tecida pelo autor para expor a doutrina cristã de que todos os homens são culpados, diante de Deus, e condenados por seus pecados à ira divina, podendo estes ser perdoados e salvos pela fé no Cristo.

Inicialmente, estabeleceremos o contexto de produção da tradução nos termos do projeto de Berman apresentado no capítulo precedente. Em seguida, faremos a análise do texto segundo os princípios estabelecidos, apresentada de acordo com as deformações encontradas e respaldada em excertos dos versículos ou trechos deles. Os excertos analisados serão dispostos na seguinte ordem: primeiro, o texto grego; depois, uma tradução livre e literal realizada pelo pesquisador; e por fim, a tradução segundo a NTLH¹⁷.

4.1 PROJETO TRADUTÓRIO E ESTRUTURA DA “NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE” DA BÍBLIA

Conforme vimos no panorama histórico da tradução bíblica no Brasil, à *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* precede a *Bíblia na Linguagem de Hoje* (doravante BLH).

¹⁶ Esse método oriundo da Reforma Protestante se caracteriza por tratar a Bíblia como divinamente inspirada e infalível, cujo sentido do texto é único, aquele pretendido pelo autor em seu contexto histórico, sendo ela a melhor intérprete de si mesma.

¹⁷ Tanto o texto grego, quanto a tradução livre realizada pelo pesquisador e o texto da NTLH estão disponíveis integralmente ao final deste trabalho. Para consultar o texto grego, confira o Anexo 1. A tradução da NTLH está transcrita no Anexo 2. Por fim, a tradução livre realizada pelo pesquisador está no Apêndice 1.

Motivada pelas Sociedades Bíblicas Unidas (doravante SBU), a SBB aceitou o encargo de traduzir a Bíblia para o português moderno após a realização do Seminário de Tradução da Bíblia em Linguagem Corrente em 1966 no Rio de Janeiro, à semelhança do que já havia acontecido em inglês, espanhol e francês. O trabalho iniciado no mesmo ano e findado em 1973 dedicou-se primeiramente à tradução do Novo Testamento. No ano seguinte à publicação da primeira edição deste, começaram os trabalhos de revisão desta versão e de tradução do Antigo Testamento, culminando na publicação da BLH em 1988 (GIRALDI, 2013a, p. 213). Ao longo dos anos a SBB recebeu várias sugestões das igrejas e estudiosos da Bíblia e passou a averiguar a relevância delas. Após cuidadosa e profunda revisão, doze anos depois, em 2000, ela publicou a NTLH (ibidem, p. 265).

Permitir o acesso do povo ao texto bíblico em linguagem moderna ou comum já era uma preocupação desde os primeiros movimentos reformistas católicos na Idade Média. Os princípios gerais que nortearam essas traduções naquele tempo foram os mesmos que orientaram a tradução bíblica em português moderno a partir da década de 60, do século XX. O objetivo era, desde o princípio, fornecer aos leitores bíblicos brasileiros uma tradução “adequada ao nível educacional médio da população” com “linguagem de fácil compreensão”, expressando o sentido do texto bíblico “de maneira simples e natural, assim como a maioria da população brasileira fala” (BÍBLIA, 2009, p. v). Essa versão, portanto, deveria ser usada para a leitura individual ou para atividades de disseminação da mensagem bíblica (evangelização), não sendo recomendado o uso durante os ritos litúrgicos (GIRALDI, 2013a, p.177).

No ano do supracitado Seminário de Tradução, de acordo com os dados do Anuário Estatístico do Brasil de 1967, organizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país tinha quase 84 milhões de habitantes, dos quais pouco mais de 12,6 milhões foram matriculados em todo o sistema de ensino brasileiro em 1966, ou seja, cerca de 12% da população estavam tendo algum tipo de instrução escolar ou acadêmica¹⁸. Assim, como a linguagem culta e formal das traduções já existentes não era de fácil compreensão para grande parte dos leitores, propôs-se com essa nova tradução um texto que fosse a “expressão da Palavra de Deus na linguagem simples do povo” (BÍBLIA, 2012, p. iv).

Esse contexto molda o que Berman (1995) chama de posição tradutiva do tradutor. No caso em questão, as situações históricas e sociais dos anos 60 interferiram na concepção e na percepção dos tradutores envolvidos sobre o que seria feito. Havia naturalmente um desejo de

¹⁸ Os dados mencionados foram extraídos a partir do cruzamento de documentos sobre condições populacionais, sociais, políticas e culturais do IBGE em 1967, disponíveis no site da instituição.

fazer a mensagem bíblica compreensível, de transmiti-la, mas era preciso entender como e o que significava traduzir nessas circunstâncias, diante desse objetivo. Havia uma nação majoritariamente não escolarizada e traduções bíblicas em linguagem culto-formal que dificultava a recepção do texto até mesmo entre os que eram letrados. Segundo o testemunho do Pr. Josué Xavier, um dos membros da Comissão de Tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje*, transcrito por Giraldi (2013a, p. 220), o entendimento era de que

[...] na BLH [Bíblia na Linguagem de Hoje] não houve um empobrecimento da riqueza da mensagem divina. Esse falso argumento pode ser usado por alguém. É falso porque a verdade é que a mensagem eterna de Deus tem de atingir todas as pessoas, especialmente as mais carentes quanto ao entendimento da linguagem. A mensagem divina é que não pode ser mudada; a linguagem empregada para expressá-la deve variar desde a mais culta até a mais popular. (grifo nosso).

Para alcançar o resultado em destaque na citação, foram traçados alguns princípios tradutórios básicos que deveriam ser seguidos pela Comissão de Tradução quando do trabalho apenas com o Novo Testamento, mas que também foram observados por ocasião da tradução do Antigo. São eles, resumidamente (ibidem, p. 178-179):

1. Tradução direta das línguas originais, segundo o método da equivalência dinâmica, com base no texto-base de Nestle buscando fidelidade ao sentido do texto original;
2. As formas e expressões linguísticas obedientes ao sistema falado do português no Brasil, sem gírias, ambiguidades ou regionalismos, com uma estrutura simples e agradável, natural e expressiva, capaz de permitir a compreensão do texto tanto a recém-alfabetizados como a universitários;
3. Preferência pela ordem direta e natural das frases e orações, evitando-se intercalá-las;
4. Substituição de palavras ou expressões de cunho teológico pouco conhecidas por frases explicativas, preferindo o ponto de vista exegético da *Almeida Revista e Atualizada*, que lhe é anterior;
5. Uso das formas de tratamento “senhor” e “você” em lugar de “vós” e “tu”.

Atrelados à posição tradutiva, eis agora o horizonte do tradutor, ou seja, “o conjunto de parâmetros linguísticos, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar de um tradutor¹⁹” (BERMAN, 1995, p. 79). Esses princípios impõem ao mesmo tempo limites e um alvo de chegada a todo o *modus operandi* de realização da tradução. Parte

¹⁹ Tradução nossa. Do original: « [...] l’ensemble des paramètres langagiers, littéraires, culturels et historiques qui « déterminent » le sentir, l’agir et le penser d’un traducteur ».

dele pode ser observado no testemunho da Profa. Selma Giraldi, também integrante da Comissão de Tradução da BLH, transcrito por Giraldi (2013a, p. 222). Segundo ela, dentro do limite e do alvo da tradução foi necessário ir ao encontro do provável leitor para que este orientasse o melhor caminho para se chegar ao objetivo proposto. Diz ela:

[...] Muitas vezes, saíamos perguntando se certa palavra era fácil de entender. Perguntávamos a pessoas na feira, à empregada na casa, aos parentes, amigos, pais, filhos... Foram muitos anos de estudos, pesquisas, revisões, exame das sugestões, incorporações e reuniões. E agora a Bíblia está pronta. Quase não podemos acreditar. É uma grande alegria pensar que esta tradução será útil aos nossos irmãos brasileiros de todas as idades e níveis culturais e que servirá a muitas gerações.

Segundo Giraldi (ibidem, p. 179), essa Comissão de Tradução foi formada após um processo seletivo iniciado em agosto de 1966. Sob a direção do secretário de tradução das SBU, Dr. William L. Wolderley, vários candidatos de várias denominações cristãs realizaram exercícios práticos de tradução de trechos do Novo Testamento. O pastor presbiteriano Sabatini Lalii foi escolhido como tradutor de base, mas seu trabalho não foi aprovado pelos consultores das SBU, o que levou a uma nova seleção. Ao final da segunda seletiva, estabeleceu-se a Comissão de Tradução do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* formada por: Oswaldo Alves, pastor presbiteriano, como tradutor de base; Dr. Robert G. Bratcher, consultor das SBU e tradutor do Novo Testamento para o inglês moderno, como revisor de grego e português; Dr. Paul Schelp, como segundo revisor de grego, o qual faleceu antes da publicação da tradução; e Luiz Antônio Giraldi, como revisor de linguagem e coordenador do projeto (ibidem, p. 180). Essa comissão teve apoio de consultores de linguagem de vários estados do país a fim de evitar os regionalismos e quatro anos após o início dos trabalhos decidiu substituir o texto-padrão de Nestle pela segunda edição do *The Greek New Testament*, usado pela SBU (ibidem, p. 181).

Salvo reações adversas de algumas igrejas pentecostais²⁰, presbiterianas e batistas (mais conservadoras), o *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* foi publicado em 1974 e, de forma geral, agradou ao público leitor; inclusive à Igreja Católica que formou sua própria Comissão de Tradução para examinar a publicação, dando-lhe parecer favorável quanto ao uso por seus fiéis (ibidem, p. 184). Esse texto passou por mais outras três edições: a segunda

²⁰ Recebem o nome de pentecostais as igrejas cristãs que creem na ainda atual manifestação do Espírito Santo através dos dons espirituais, batizando os fiéis ou revestindo-os de poder espiritual, cuja evidência é o falar em línguas estranhas. Representam esse grupo denominações como a Igreja Evangélica Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil.

em 1975, a terceira em 1979 e a quarta em 1988, agregada à tradução completa da Bíblia que vinha sendo preparada concomitantemente às revisões do Novo Testamento.

Para a tradução completa da Bíblia foram formadas duas comissões de tradução; uma para cada testamento (ibidem, p. 214). A Comissão do NT era a mesma do trabalho anterior, salvo pelos pastores Antônio de Campos Gonçalves e Josué Xavier (como revisor gramatical), substituído do então falecido Dr. Schelp. A Comissão do AT foi selecionada via exame seletivo em 1971. Foram agregados à equipe a professora Selma Júnia Vassão Giraldi, especialista em português em linguagem popular, e o pastor batista Dr. Werner Kaschel, especialista em hebraico. Os trabalhos de revisão do NT começaram em janeiro de 1972 e os de tradução do AT em janeiro de 1974, sendo a obra completa publicada em 1987; mais de vinte anos depois do início dos primeiros trabalhos.

Toda a tarefa da Comissão de Tradução passou por quinze etapas para a tradução de cada livro da Bíblia, intercaladas entre trabalho individual e coletivo (ibidem, p. 217-218). Inicialmente, o tradutor de base propunha uma tradução acompanhada de informações sobre o texto (notas, variantes, introdução ao livro traduzido) e de uma lista de palavras para elaboração de um dicionário. Os demais tradutores, e um revisor exegético, revisavam o texto base e propunham modificações. O tradutor de base incorporava as sugestões do grupo e, depois, cada um examinava a segunda versão, propondo novas possibilidades. Cada tradutor preparava sua agenda de trabalho com dúvidas e anotações que, em reunião, eram discutidas entre eles, conduzindo a uma terceira versão. Essa era encaminhada aos consultores externos e novamente discutiam-se as sugestões no mesmo processo anterior até que havia a elaboração do texto final e do material de apoio (mapas, introdução, legendas). O trabalho de tradução findava-se com a leitura em alta voz do texto traduzido por toda a comissão.

Como após a publicação do *Novo Testamento em Linguagem Contemporânea*, a Sociedade Bíblica do Brasil passou a receber e a examinar as críticas e sugestões à BLH. Dessa forma, em 2000, após profunda revisão de toda a Bíblia, a SBB publica a NTLH. As principais mudanças foram quanto a revisão linguística do português, adequando-o ao registro moderno do final do século XX e a simplificação estruturas linguísticas ainda complexas, quanto a revisão dos Salmos, a fim de manter o caráter poético do texto, e a mudança da designação do nome de Deus no Antigo Testamento de “(Deus) Eterno” para as formas clássicas “Senhor (Deus)” da versão *Almeida Revista e Atualizada*. Compuseram a Comissão de Tradução quatro membros do trabalho anterior (Dr. Robert Bratcher, Dr. Werner Kaschel, a Profa. Selma Giraldi e o Pr. Josué Xavier) auxiliados pelos pastores luteranos Dr. Rudi Zimmer e Dr. Vilson Scholz.

Lima e Pinheiro-Mariz (2016) lançaram algumas reflexões sobre a forma e o conteúdo dessa versão. Comparando-a com a *Almeida Revista e Atualizada*, os autores identificaram que quanto à forma, para facilitar a linguagem, há uma preferência pela disposição do texto em prosa, preferindo-se optar por blocos de textos (parágrafos), devidamente pontuados e interligados por conectivos lógicos, à tradicional disposição por versículos separados entre si. Linearizar o discurso e alterar a ordem dos versículos são algumas das estratégias percebidas, ainda que apaguem as marcas estilísticas próprias do autor do texto (ibidem, p. 39-40). Quanto ao conteúdo, a inversão da ordem do discurso e o uso de paráfrases acabam promovendo uma linguagem fluente, mas podem causar perdas de material linguístico ou até mesmo suavizar a mensagem original (ibidem, p. 42-43). Todavia, mesmo nessas condições, os autores concluem que

a NTLH cumpre com os propósitos aos quais ela se propõe, não sendo nem boa nem ruim, mas útil ao público alvo a que se destina. Embora existam perdas de forma e, conseqüentemente, de conteúdo, por certo, não comprometem o alcance ao objetivo da nova versão, a qual se presta a promover a compreensão do texto bíblico em um primeiro contato de leitores menos ‘versados’ na leitura bíblica. (ibidem, p. 45).

Portanto, o projeto tradutório e a estrutura da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* se caracteriza como um projeto etnocêntrico, por apagar as marcas do Estrangeiro no texto, e conseqüentemente hipertextual, por primar pelas formas linguísticas e expressivas da língua de chegada. Tal projeto, ainda que não evidente, pode ser compreendido na totalidade da obra (BERMAN, 1995, p. 77) e as características e relatos dos tradutores mostrados até aqui lançam alguma luz sobre ele. Ainda que o paratexto da versão não confesse nesses termos, o objetivo deste projeto parece ser de fornecer ao público leitor brasileiro o texto bíblico como se ele tivesse sido escrito não só em nossa língua, mas no registro popular dela, conforme o método da equivalência dinâmica de Nida (1964) e o da domesticação [como diria Venutti (1995)] de Schleiermacher ([1813] 2010). Essas transformações textuais, conforme o projeto crítico de Berman (1995), precisam então ser analisadas e confrontadas com o texto-fonte a fim de podermos avaliar criticamente tal tradução, o que faremos à luz da Analítica da Tradução desse autor (idem, 2013).

4.2 ANALÍTICA DA TRADUÇÃO DE BERMAN APLICADA À “NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE” DA BÍBLIA

Traçado o projeto de tradução da NTLH, cumprimos com o primeiro objetivo específico deste trabalho. Passemos, agora, à análise do texto a fim de identificarmos e discutirmos as tendências deformadoras presentes na tradução de *Romanos*, capítulo 5. É preciso considerar dadas as condições envolvidas na elaboração desse sistema, que o número de treze deformações não é limitado nem aplicável inteiramente a todos os textos. Berman (ibidem, p. 67) deixou claro que essa analítica propunha detectar “algumas tendências deformadoras”, reconhecendo que apesar de em sua obra expor apenas treze, algumas poderiam dizer respeito apenas à língua francesa classicizante ou serem derivadas de outras. Por essa razão, quatro delas não serão contempladas na apresentação da análise do *corpus*. Duas delas, a destruição ou exotização das redes de linguagens vernaculares e o apagamento das superposições de línguas, não se alinham com o caráter meramente argumentativo do trecho analisado, já que nele não há nenhum tipo de diálogo entre personagens. Quanto às demais, a destruição das locuções e o empobrecimento qualitativo, não foi identificada qualquer ocorrência delas e não há, pela natureza das mesmas, o que relevância em discutir a ausência delas. No entanto, isso não significa dizer que a *Nova Tradução na linguagem de Hoje* esteja isenta dessas tendências deformadoras em passagens de outros gêneros textuais ou mesmo em outros trechos do livro de *Romanos*.

Quanto à apresentação da análise, não seguiremos totalmente a sequência exposta por Berman (ibidem, p. 68); pelo contrário, as deformações serão apresentadas segundo os níveis de proximidade entre elas a partir da análise do *corpus*. Durante a apresentação dos exemplos, quer em tabelas, quer no corpo do texto, os termos gregos serão seguidos da tradução livre realizada pelo pesquisador e, quando em comparação, pelo texto correspondente da NTLH. A propósito, é importante frisar que a língua grega é analítica, ou seja, se estrutura em casos e declinações. Para fins de exemplificação, algumas vezes retiramos os vocábulos de seus contextos para analisá-los isoladamente. Nessas situações, não alteramos as declinações ou as estruturas morfológicas dos mesmos para adequá-los sintática e semanticamente aos propósitos de análise; uma vez que a tradução os acompanha, sua estrutura foi mantida tal qual em seu contexto original.

Uma última ressalva precisa ser feita antes de apresentarmos a análise. Conforme destacamos acima, algumas deformações podem levar a outras. Na análise que se segue, quando necessário, retomaremos o mesmo trecho já analisado antes para ressaltar a ação de outra deformação com consequências diferentes. Tendo em vista que “certas tendências agem mais em tal ou tal área-de-língua” (ibidem, p. 68), e ainda a estrutura do texto escolhido como *corpus*, algumas deformações parecerão mais produtivas que outras; e, de fato, o são.

4.2.1 RACIONALIZAÇÃO

Já foi explicado outrora que esta tendência deformadora diz respeito à linearização das estruturas sintáticas e à pontuação do texto, aspectos que fazem dela uma das mais produtivas. Quanto a esse ponto, é preciso esclarecer que as palavras do texto bíblico grego não eram separadas por espaços ou por qualquer tipo de sinal gráfico nos manuscritos originais (GEISLER; NIX, 2006, p. 172). Tal tratamento foi dado ao texto posteriormente ao longo do processo de reduplicação das cópias desses manuscritos. O texto grego que compõe o aparato crítico de Gomes e Olivetti (2015) já contém modificações nesse sentido e é a partir dele que analisaremos essa deformação.

O texto traduzido está disposto em forma de prosa, estruturado em seis parágrafos iniciados nos versículos 1, 6, 12, 14 (parte b), 18 e 20. O texto-fonte se estrutura em apenas três, marcados nos versículos 1, 6 e 12. Conforme vimos na descrição do projeto de tradução da NTLH, um dos princípios do trabalho era primar por frases obedientes à ordem natural e fluente da língua, sem intercalações. Chama a atenção quanto a este aspecto o fato de a tradução estar segmentada por trinta e um períodos sintáticos, contra vinte do texto-fonte. Raros são os casos de orações subordinadas. O versículo apresentado abaixo exemplifica a ocorrência dessa deformação:

Tabela 1: A pontuação no trecho de Romanos 5: 17

Texto-fonte em grego	(17)εἰ γὰρ τῷ τοῦ ἑνὸς παραπτώματι ὁ θάνατος ἐβασίλευσεν διὰ τοῦ ἑνός, πολλῶ μᾶλλον οἱ τὴν περισσεΐαν τῆς χάριτος καὶ τῆς δωρεᾶς τῆς δικαιοσύνης λαμβάνοντες ἐν ζωῇ βασιλεύσουσιν διὰ τοῦ ἑνός Ἰησοῦ Χριστοῦ.
Tradução livre	(17)Se pois por única transgressão a morte reinou por causa de único (homem), muito mais pela abundância da graça/do favor e da dávida/do presente da justiça recebendo/enquanto recebeu em vida reinará por meio de único (homem) Jesus Cristo.
Texto da NTLH	(17)É verdade que, por causa de um só homem e por meio do seu pecado, a morte começou a dominar a raça humana. Mas o resultado do que foi feito por um só homem, Jesus Cristo, é muito maior! E todos aqueles que Deus aceita e que recebem como presente a sua imensa graça reinarão a nova vida, por meio de Cristo.

Nesse caso, temos um versículo cujo texto está fragmentado em três períodos sintáticos, enquanto o texto-fonte contém apenas um período formado por uma série de orações gramaticalmente complexas. Essa deformação é presente ainda nos versículos 1, 2, 7, 10, 12, 14, 15 e 21, que foram divididos em dois períodos sintáticos cada, e no 16, também dividido em três períodos. Por sua vez, no texto-fonte encontramos esse tipo de segmentação apenas no versículo 20. Quanto aos demais, o texto dos versículos 1 e 2 estão unidos em apenas um período, assim como o dos versículos 3 e 4, enquanto que no intervalo entre os versículos 5 e 19 temos cada versículo formado por um só período.

Num plano geral do texto analisado, temos a impressão de que os tradutores se aproveitaram da ocorrência significativa de orações coordenadas e correlatas para racionalizar o texto por meio de pontos-finais e de vírgulas formadoras de apostos. Esses recursos contribuem para que a mensagem seja apreendida com mais atenção pela memória de curto prazo do leitor, visto provocar um número maior de pausas durante a leitura. Essa estratégia, inclusive, faz parte do curso introdutório de tradução bíblica de Barnwell (2011, p. 161), no qual é ensinada como meio de expressar o significado do texto-fonte na língua-alvo de forma mais exata, clara e natural, como exige, muitas vezes, o “bom estilo”. Assim, é possível que essa seja, por parte dos tradutores, uma forma de ser fiel ao princípio tradutório de usar uma forma agradável e simples de linguagem nessa versão.

Um outro fenômeno que diz respeito à racionalização é a ordem do discurso. A NTLH seguiu, salvo algumas leves ocorrências, a ordem das palavras e orações do texto-fonte na maioria dos versículos (são eles: 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 18 e 20). Vejamos o exemplo abaixo:

Tabela 2: A ordem do discurso no trecho de Romanos 5: 19

Texto-fonte em grego	(19) Ὅσπερ γὰρ διὰ τῆς παρακοῆς τοῦ ἑνὸς ἀνθρώπου ἁμαρτωλοὶ κατεστάθησαν οἱ πολλοί, οὕτως καὶ διὰ τῆς ὑπακοῆς τοῦ ἑνὸς δίκαιοι κατασταθήσονται οἱ πολλοί.
Tradução livre	(19) Assim como pois pela indisposição para ouvir/desobediência de único homem pecadores foram constituídos os muitos, assim também pela obediência de único (homem) justos serão constituídos os muitos.
Texto da NTLH	(19) E assim como muitos seres humanos se tornaram pecadores por causa da desobediência de um só homem, assim também muitos serão aceitos por Deus por causa da obediência de um só homem.

Neste versículo, encontramos um contraste entre duas orações que se estabelecem em si mesmas pela relação de causa e consequência, mas que se correlacionam pela relação de comparação marcada pelas operadores argumentativos “e assim como” e “assim também”. Na NTLH, os tradutores apresentam a consequência e depois a causa da primeira ideia, repetindo a forma na segunda. Entretanto, no texto-fonte está posto o contrário: primeiro a causa e depois a consequência de cada ideia. Conforme Castilho e Elias (2012, p. 388), numa oração correlata comparativa, como é o caso, os elementos correlacionados são sintaticamente igualados.

Porém, é preciso observar que a posição da relação de causa-consequência afeta a semântica de cada oração. Neste versículo, os tradutores da NTLH mudaram a ordem dessa relação. O efeito é a mudança de foco dado pelo versículo. Na tradução, o ponto principal da argumentação do autor recai sobre a consequência de se tornar pecador ou justo. No texto-fonte, o ponto forte é a ação desenvolvida por alguém a qual, vinda da parte daquele que obedeceu, beneficia a muitos. O leitor é levado a princípio a valorizar o que, talvez, o original não tenha valorizado tanto, pois, em grego, “embora o posicionamento das palavras não determine a sua função, certamente ajudam em alguns casos, a compreender a intenção do autor” (MOUNCE, 2009, p. 43). Todavia, a deformação aqui presente não causa nenhum prejuízo linguístico à passagem ou à compreensão do leitor sobre aquilo que o texto se propõe a informar.

Os versículos 8, 12, 15 e 17 se comportam da mesma forma que o 19. Os demais não citados racionalizam o texto por tanto por pontuação como por inversão da ordem do discurso, mas sob influência de outras tendências deformadoras. Nesse ponto é preciso lembrar que os sistemas das línguas não são idênticos e que, uma vez focado em adequar a mensagem ao sistema linguístico de chegada, parece-nos natural que a ordem do discurso e a pontuação sejam alterados.

4.2.2 CLARIFICAÇÃO

Essa é a deformação da clareza dos sentidos. Sua ocorrência já era prevista desde que os tradutores da NTLH instituíssem o princípio de utilizar frases explicativas ao invés de palavras de cunho teológico-doutrinário. Assim como a racionalização, essa deformação também é bastante produtiva em ocorrências no *corpus* analisado.

Começamos pelo caso do particípio passado grego Δικαιωθέντες, literalmente “justificados”, traduzido por “aceitos por Deus” em duas ocasiões: nos versículos 1 e 9. Essa

mesma tradução foi dada à forma nominativa plural δίκαιοι, ou “justos”, no versículo 19, ainda que a forma genitiva singular δικαίου, ou “justo”, tenha sido traduzida por “uma pessoa que obedece às leis” no versículo 7. Outra ocorrência cuja tradução foi semelhante à do particípio é a forma nominativa singular δικαιοσύνης, ou “justiça”, traduzida por “levar a aceitar as pessoas” no versículo 21. Esse mesmo particípio aparece outra vez no segundo período do versículo 10, tendo sido traduzido nesta ocorrência por “ser amigos de Deus”. De fato, segundo o léxico grego-português de Louw e Nida (2013), esses vocábulos fazem parte do domínio semântico de uma associação quanto a estabelecer ou confirmar um relacionamento (p. 403), bem como do das qualidades morais e éticas e comportamento correspondente quanto a ser justo, direito (p. 662). Mas essa não é a única conotação dada a esses vocábulos: eles também pertencem ao domínio semântico dos procedimentos jurídicos e tribunais quanto aos atos de julgar, condenar e absolver (ibidem, p. 496). Juntam-se ao grupo as formas acusativas singulares dos substantivos δικαίωμα, ou “em justiça” (versículo 16) e δικαίωσιν, ou “em justificação” (versículo 18) ambas traduzidas como os verbos “perdoar” e “libertar” respectivamente. Dessa forma, entre as duas escolhas tradutórias apresentadas como clarificação, a que é voltada para a “aceitação” parece coadunar de mais perto com a ideia do texto grego.

Entretanto, essa escolha tem implicações teológicas relevantes quanto ao ensino doutrinário cristão e deve ser observada com cuidado por tradutores e estudiosos bíblicos que utilizam a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Louw e Nida (ibidem, p. 404) reconhecem que a ideia de “aceitação” é uma forma de expressar o significado desses vocábulos de forma idiomática em algumas línguas. Entretanto, em outros casos, pode gerar problemas interpretativos e, por isso, desaconselham o uso dela ou de qualquer outra forma com essa característica. Segundo eles,

[...] isso poderia dar entender que Deus relutava em aceitar as pessoas sem a obra expiatória de Jesus, quando, na verdade, era Deus quem estava em Cristo reconciliando o mundo consigo. Portanto, o tradutor deveria evitar formulações que poderiam sugerir diferentes tipos de motivação de Deus. (LOUW; NIDA, loc. cit.).

No contexto, está claro que todos os homens são pecadores e inimigos de Deus, por causa do pecado, mas pela fé no sacrifício do Cristo eles são declarados justos diante da divindade, livres de condenação. Apesar da escolha por “aceitação”, considerando as demais formas do mesmo radical a ideia básica do texto-fonte está presente e garantida na tradução de forma clara. Não se estabelece, assim, nenhum tipo de desconforto com a tradução.

Quanto à segunda escolha tradutória, é preciso fazer menção a um fato curioso. A ideia de “amizade” contida na tradução do versículo 10 encontra no texto-fonte dois outros vocábulos que lhe são mais exatos: o verbo aoristo passivo *κατηλλάγημεν*, ou “fomos reconciliados”, no mesmo versículo 10, e a forma acusativa singular do substantivo *καταλλαγήν*, ou “reconciliação”, no versículo 11; ambos traduzidos como a ideia de “tornar-se amigo de Deus” (v. 10). Essas escolhas tradutórias são adequadas ao sentido do texto grego, o qual expressa a restauração de uma relação interpessoal rompida (ibidem, p. 447). Mas, ao colocar o termo correspondente grego como sinônimo do anterior *δικαιωθέντες*, “justificados”, diminui a diversidade lexical do texto na tradução; mas, essa é uma discussão para outra deformação mais à frente. Diante das noções de “perdão” e “liberdade” expressas na tradução desses termos em outros versículos, de uma forma ou de outra, ambas as ideias expressas pelos dois termos teológicos estão não só presentes como também esclarecidos na tradução.

Um terceiro termo teológico que sofreu tendência deformadora da clarificação foi o substantivo genitivo plural *ἀσεβῶν*, ou “em prol dos ímpios”, traduzido por “maus” no versículo 6. Nesse caso, a NTLH apresenta a ideia, dentro do contexto, de que Cristo morreu por aqueles que não praticam o bem. Contudo, a proximidade dos termos não é tão exata, já que o termo grego pertence ao domínio semântico das atividades religiosas, indicando alguém que não possui vínculo com elas (ibidem, p. 475), o que não necessariamente engloba o sentido completo de “maus”. Essa clarificação é, aqui, inexata e insuficiente.

Em todo o caso, para os propósitos do projeto de tradução da NTLH essa discussão é irrelevante. Lembremo-nos que, a princípio, e apesar de não se ter nenhum controle sobre isso, esta versão não foi produzida visando o uso litúrgico ou acadêmico, espaços nos quais essas diferenças seriam (como muitas vezes o são) valorizadas. Não ignoremos o fato de que “a Bíblia, usa a linguagem simples do senso comum, do dia-a-dia, que salienta a ocorrência de um acontecimento, não a linguagem de fundamento científico. [...] Os autores usaram formas comuns, gramaticais de expressar seu pensamento sobre os assuntos” (GEISLER; NIX, 2006, p. 23). Consequentemente, se a intenção é causar no leitor da tradução o mesmo impacto que o original causou ao seu público original, os tradutores buscaram, em alguma medida, estabelecer certa proporção linguística entre o coine grego e o português. É possível que a tradução literal de alguns termos comuns no grego da época soem cultos quando inseridos no contexto linguístico social do português contemporâneo.

No mais, de acordo com Berman (2013, p. 71) há um sentido negativo na clarificação: o de forçar a vir a lume aquilo que o texto-fonte não tem intenção de mostrar. No *corpus*

analisado encontramos duas dessas situações. A primeira é a revelação de sentidos implícitos. A segunda, ocorrida em dois versículos, é o uso de paráfrases e explicações para expor o sentido desejado.

Tabela 3: Clarificação em Romanos 5: 9

Texto-fonte em grego	(9) πολλῶ ὄν μᾶλλον δικαιωθέντες νῦν ἐν τῷ αἵματι αὐτοῦ σωθησόμεθα δι' αὐτοῦ ἀπὸ τῆς ὀργῆς.
Tradução livre	(9)Portanto, muito mais, (depois de) justificados agora <u>pelo sangue</u> dele, seremos salvos através dele para fora/longe da ira.
Texto da NTLH	(9) E, agora que fomos aceitos por Deus <u>por meio da morte de Cristo na cruz</u> , é mais certo ainda que ficaremos livres, por meio dele, do castigo de Deus.

Evidentemente, ao mencionar o sangue, o texto grego implicitamente faz referência à morte já mencionada anteriormente pela alusão a um sacrifício no capítulo 3, versículo 25, no trecho: “[...] ἱλαστήριον διὰ τῆς πίστεως ἐν τῷ αὐτοῦ αἵματι [...]”, literalmente: “um sacrifício propiciatório/propiciação mediante a fé em o seu/dele sangue” (GOMES; OLIVETTI, 2015, p. 593). Esse sacrifício retoma a imagem dos ritos judaicos que envolviam a morte de animais e o derramamento do sangue deles como oferta a Deus para obter perdão pelos pecados. Também encontramos a referência presente ao mencionar a ressurreição no último versículo do capítulo 4 no trecho: “[...]καὶ ἠγέρθη διὰ τὴν δικαίωσιν ἡμῶν”, literalmente: “e ressuscitou/levantou por causa de as transgressões nossas” (ibidem, p. 597). Ora, só pode ressuscitar quem já morreu.No entanto, a Comissão de Tradução da NTLH optou por deixar claro a ideia escondida por trás do vocábulo “sangue”, esclarecendo que a aceitação dos pecadores foi providenciada pela “morte de Cristo na cruz”. As idéias do texto-fonte e da tradução estão imbricadas e de forma alguma uma ou outra escolha prejudicaria o sentido da passagem. O que está em pauta é o aspecto sacrificial da mensagem (CRANFIELD, 2005, p. 81), o qual é plenamente mantido pela tradução nesse versículo e nas referências citadas.

Por ocasião ainda deste versículo, atentemos para a forma esclarecedora da tradução no trecho: “E, agora que fomos aceitos por Deus por meio da morte de Cristo na cruz [...]”. Observando o conjunto, notamos aqui uma tendência de clarificação do texto de forma parafrásica. Anteriormente vistos em separados, agora em conjunto a tradução de dois vocábulos gregos nas orações “fomos aceitos por Deus” e “por meio da morte de Cristo na cruz” torna-se uma paráfrase da idéia do texto grego. É em casos como esse que entendemos o

que significa para o tradutor deixar o leitor o mais tranquilo possível e trazer o autor estrangeiro até ele em sua própria língua materna, como diria Schleiermacher ([1813], 2010, p. 57), sem que se “sinta” o texto como tradução (BERMAN, 2013, p. 46). O mesmo acontece com o versículo 17, no qual o sentido de “abundância”, “graça/favor da justiça” e “dávida/presente da justiça” foram clarificados através de orações explicativas ou paráfrases dos termos:

Tabela 4: Tradução parafrásica em 5: 17

Texto-fonte em grego	(17) εἰ γὰρ τῷ τοῦ ἐνὸς παραπτώματι ὁ θάνατος ἐβασίλευσεν διὰ τοῦ ἐνός, πολλῶ μᾶλλον οἱ τὴν περισσεῖαν τῆς χάριτος καὶ τῆς δωρεᾶς τῆς δικαιοσύνης λαμβάνοντες ἐν ζωῇ βασιλεύουσιν διὰ τοῦ ἐνός Ἰησοῦ Χριστοῦ.
Tradução livre	(17) Se pois por única transgressão a morte reinou por causa de único (homem), muito mais <u>pela abundância da graça/do favor e da dávida/do presente da justiça</u> recebendo/enquanto recebeu em vida reinará por meio de único (homem) Jesus Cristo.
Texto da NTLH	(17) É verdade que, por causa de um só homem e por meio do seu pecado, a morte começou a dominar a raça humana. <u>Mas o resultado do que foi feito por um só homem, Jesus Cristo, é muito maior!</u> E todos <u>aqueles que Deus aceita</u> e que <u>recebem como presente</u> a sua imensa graça reinarão a nova vida, por meio de Cristo.

Nesse versículo, a NTLH esclarece que o “τῆς χάριτος”, ou “da graça/do favor” como sendo referente à ação realizada por Jesus a qual é “muito maior”, expressão correspondente a “τὴν περισσεῖαν, ou “abundância”. Inclusive, há uma repetição da estrutura oracional em uma nova tradução do termo “τῆς χάριτος”, agora pela ideia de “aceitação” seguida do sintagma “recebem como presente”, tradução de “τῆς δωρεᾶς”, ou “dávida/presente”. Recorrer a essas escolhas auxilia a tornar o termo mais claro ou a mensagem mais natural, ainda que resulte no aumento da massa bruta do texto; deformação discutida a seguir.

4.2.3 ALONGAMENTO

Aproveitando o ensejo do versículo 17 exposto acima, trataremos do alongamento, a tendência deformadora servil da racionalização e da clarificação. Acima, os sentidos de três substantivos foram expressos por três orações a fim de racionalizar e apresentar de forma clara uma ideia de cada vez. Além disso, há a inserção de três elementos inexistentes no texto-

grego: a forma “é verdade que”, como conectivo coesivo no lugar do “se” condicional, o sintagma nominal “a raça humana”, como objeto direto de “dominar”, e o adjetivo “nova” modificador do substantivo “vida”. Apesar disso, não há qualquer forma de prejuízo, pois se trata de um alongamento dito vazio, sem agregar ao texto nenhum sentido estranho.

Mas, esta não é a única ocorrência. Essa deformação é tão produtiva em ocorrências quanto às outras. Há casos de alongamento em quase todos os versículos, sendo a maioria de caráter explicativo associados às ações das tendências deformadoras analisadas anteriormente. Vejamos o caso do versículo 4:

Tabela 5: Ocorrência de alongamento em Romanos 5: 4

Texto-fonte em grego	(4) ἡ δὲ ὑπομονὴ δοκιμὴν, ἡ δὲ δοκιμὴ ἐλπίδα.
Tradução livre	(4) e a paciência perseverante (<u>está produzindo/sendo produzida/produz</u>) a qualidade de ser aprovado/caráter e a qualidade de ser aprovado/caráter a esperança (<u>está produzindo/sendo produzida/produz</u>).
Texto da NTLH	(4) a paciência <u>traza</u> aprovação <u>de Deus</u> , e essa aprovação <u>cria</u> a esperança.

Nesse versículo, a NTLH desfaz a elipse da forma verbal presente no versículo 3, criando uma nova forma de paralelismo sintático, cujas implicações discutiremos mais tarde. Esses verbos são dentro do contexto semanticamente próximos de “produzir” e não interferem, portanto, na transmissão da mensagem; pelo contrário, a facilita aolivrar o leitor do trabalho de fazer retomadas na leitura e preencher ele mesmo a lacuna do verbo. Esse tipo de alongamento a serviço da clarificação é constante na tradução. Além dos casos já mostrados na deformação, ainda podemos citar este:

Tabela 6: Ocorrência de alongamento em Romanos 5: 15a²¹

Texto-fonte em grego	(15a) Ἀλλ' οὐχ ὡς τὸ παράπτωμα, οὕτως καὶ τὸ χάρισμα.[...]
Tradução	(15a) Mas não assim como a transgressão, portanto também a graça/o favor. [...]

²¹ A designação “a” refere-se à primeira parte ou primeiro período sintático do versículo.

livre	
Texto da NTLH	(15a) mas existe uma diferença entre o pecado <u>de Adão</u> e o presente <u>que Deus nos dá</u> . [...]

Neste versículo a NTLH retoma a referência “de Adão” que já havia sido apresentada no versículo 14 e que é omitida no texto-fonte, ficando a cargo do contexto prestar este esclarecimento. Outro alongamento é percebido na opção de traduzir o substantivo nominativo singular χάρισμα por meio de uma oração subordinada explicativa. Nos dois casos, os alongamentos não provocam nenhum dano à mensagem do original, justificando-se pelo objetivo de produzir uma tradução clara e natural. Procedimento semelhante ao que acontece também no versículo 21:

Tabela 7: Ocorrência de alongamento em Romanos 5: 21

Texto-fonte em grego	(21) ἵνα ὥσπερ ἐβασίλευσεν ἡ ἀμαρτία ἐν τῷ θανάτῳ, οὕτως καὶ ἡ χάρις βασιλεύσῃ διὰ δικαιοσύνης εἰς ζωὴν αἰώνιον διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν.
Tradução livre	(21) ἵνα ὥσπερ ἐβασίλευσεν ἡ ἀμαρτία ἐν τῷ θανάτῳ, οὕτως καὶ ἡ χάρις βασιλεύσῃ διὰ δικαιοσύνης εἰς ζωὴν αἰώνιον διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν.
Texto da NTLH	(21) <u>E isso aconteceu</u> a fim de que, assim como o pecado dominou e <u>trouxe</u> a morte, assim também a graça <u>de Deus</u> , <u>que o leva a aceitar as pessoas</u> , dominasse e <u>trouxe</u> a vida eterna. <u>Essa vida</u> é nossa por meio do nosso Senhor Jesus Cristo.

A racionalização do versículo levou ao alongamento por meio de um conector coesivo, “e isso aconteceu”, assim como o uso do pronome “essa” e a retomada de “vida”. O verbo “trazer”, inexistente no texto fonte, é resultado da ação da clarificação sobre o texto. Esses recursos anafóricos, como alongamentos no texto, somados à influência da pontuação e segregação dos períodos, concedem progressão à tradução e naturalidade na transmissão da mensagem, como preconiza assim o projeto tradutório da NTLH.

4.2.4 DESTRUIÇÃO DOS RITMOS

Retomando a análise do versículo 4 na deformação anterior, assim como nos demais casos, é evidente que os tradutores da NTLH afetaram a rítmica do texto grego em prol de

versículos sintática e logicamente melhor organizados. Todas as deformações analisadas até aqui contribuem de alguma forma para isso. Como exemplo, comparemos, pois, a ritmicidade do texto-fonte com o da NTLH nos versículos que se seguem:

Tabela 8: Destruição dos ritmos em Romanos 5: 3-4

Texto-fonte em grego	(3)οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ καυχώμεθα ἐν ταῖς θλίψεσιν, εἰδότες ὅτι ἡ θλίψις ὑπομονὴν κατεργάζεται, (4)ἢ δὲ ὑπομονὴ δοκιμὴν, ἢ δὲ δοκιμὴ ἐλπίδα.
Tradução livre	(3)Não somente e, mas também continuamos a nos gloriar/nos gloriamos em as tribulações/os sofrimentos, depois de/tem sido conhecidos porque a tribulação/o sofrimento paciência perseverante está produzindo/sendo produzida/produz, (4)e a paciência perseverante (está produzindo/sendo produzida/produz) a qualidade de ser aprovado/caráter, e a qualidade de ser aprovado/caráter (está produzindo/sendo produzida/produz) a esperança.
Texto da NTLH	(3)E também nos alegramos nos sofrimentos, pois <u>sabemos que os</u> sofrimentos produzem a paciência, (4)a paciência <u>traz</u> a aprovação <u>de Deus</u> , e <u>essa</u> aprovação <u>cria</u> a esperança.

Os destaques nos versículos 3 e 4 marcam não só casos de alongamento, mas as marcas de interferência na ritmicidade do texto. No texto-fonte, a forma única verbal, κατεργάζεται, por meio de sua elipse no versículo 4 garantia uma ritmicidade própria, como que mostrando o sequenciamento das ideias justapostas. Ao preencher esses espaços com outras formas verbais, alheias à ideia principal do texto-fonte, quebra-se um dado paralelismo sintático e instaura um que lhe é próprio.

Outra ação dessa deformação se dá por meio da pontuação do texto. O texto grego é pontuado cinquenta e quatro vezes: são trinta e três vírgulas, vinte pontos finais e um ponto-e-vírgula. A NTLH, por sua vez, pontua o texto de *Romanos 5* oitenta e sete vezes: são cinquenta e duas vírgulas, trinta e um pontos finais, dois pontos-e-vírgulas, um dois-pontos e, inclusive, um ponto de exclamação no versículo 17. Com tantas pausas a mais, o ritmo de leitura conseqüentemente é outro. Entretanto, essa deformação é justificável, pois, a ritmicidade de uma língua é algo que lhe é próprio e, dentro do projeto tradutório da NTLH, o objetivo é acomodar o texto à forma natural da língua de chegada. Nesse contexto, como também não causa prejuízos significativos à compreensão ou estética da mensagem (seria diferente se fosse um texto poético, por exemplo), entendemos que essa pontuação expressiva,

juntamente com as outras deformações, colabora para rearranjar o texto e deixá-lo natural e claro em português contemporâneo ou comum.

4.2.5 ENOBRECIMENTO

Esta deformação é pautada nos elementos da Retórica, do belo discurso. “A retoricização embelezadora consiste em produzir frases ‘elegantes’ usando, por assim dizer, o original como matéria-prima”, disse Berman (ibidem, p. 74). No *corpus* desta pesquisa, apesar da influência das tendências deformadoras já apresentadas e de outras que ainda serão, percebemos de modo geral que não há desvios significativos na tradução do discurso de *Romanos 5*. As análises das deformações feitas até agora mostram que, de uma forma ou de outra, texto-fonte e texto-alvo convergem mais entre si do que divergem.

Mas, se é possível dizer algo sobre enobrecimento na tradução da NTLH, podemos citar a influência dos conectores lógicos tão abundantes no texto grego e que, numa diversidade maior de arranjos, se apresentam também na tradução ligando a expressiva quantidade de períodos sintáticos de que ela dispõe. Alguns já foram mencionados nos exemplos de deformações anteriores (cf. tabela 7). Outro elemento que pode influenciar alguma forma tímida de enobrecimento é a pontuação. É esta que, linearizando o texto, permite os rearranjos sintáticos e enriquece a fluidez e a progressão da tradução. É o que acontece no exemplo abaixo:

Tabela 9: Rearranjo sintático por pontuação em Romanos 5: 2

Texto-fonte em grego	(2)δι' οὗ καὶ τὴν προσαγωγὴν ἐσχίκαμεν τῇ πίστει εἰς τὴν χάριν ταύτην ἐν ἣ ἑστήκαμεν, καὶ καυχώμεθα ἐπ' ἐλπίδι τῆς δόξης τοῦ θεοῦ.
Tradução livre	(2)por causa de quem também acesso/meio de aproximação temos tido pela fé em esta graça em a qual (temos) estado firmes, e continuamos a nos gloriar/nos gloriamos na esperança da glória de Deus.
Texto da NTLH	(2)Foi Cristo quem nos deu, por meio da nossa fé, esta vida na *graça de Deus. E agora continuamos firmes nessa graça e nos alegramos na esperança de participar da *glória de Deus.

A pontuação, conforme explicado anteriormente, facilita a organização sequencial das ideias. Isoladas por pontos finais, o leitor as considera uma de cada vez com mais atenção do

que se estivessem intercaladas. O princípio das frases curtas aplicado na tradução dessa forma auxilia o leitor na melhor compreensão do texto e contribui para um novo rearranjo textual. Embora não recorra a outros elementos retóricos mais próprios. Acreditamos que ausência deles se dê pelo fato de que esse embelezamento do discurso levaria à aplicação de estruturas na tradução desconhecidas ou estranhas à realidade linguística do público-alvo da NTLH, o que colidiria com o projeto e o horizonte tradutivos da tradução e de seus tradutores.

4.2.6 EMPOBRECIMENTO QUANTITATIVO

Essa deformação diz respeito à perda lexical na tradução. Uma forma de empobrecimento quantitativo é a perda total da referência lexical dos vocábulos relacionados à forma nominativa singular δικαιοσύνης, ou “justiça”, discutida anteriormente (cf. 4.2.2). Mas esta não é a única. O vocábulo “pecado” aparece quatorze vezes na tradução de *Romanos 5* da NTLH. Entretanto, há mais de um significante no texto grego que expressa esse sentido:

Tabela 10: Empobrecimento quantitativo em Romanos 5: 13,15

Texto-fonte em grego	(13) ἄχρι γὰρ νόμου ἁμαρτία ἦν ἐν κόσμῳ, ἁμαρτία δὲ οὐκ ἐλλογεῖται μὴ ὄντος νόμου. [...] (15) Ἄλλ' οὐχ ὡς τὸ παράπτωμα, οὕτω καὶ τὸ χάρισμα. Εἰ γὰρ τῷ τοῦ ἐνὸς παραπτώματι οἱ πολλοὶ ἀπέθανον, πολλῶ μᾶλλον ἢ χάρις τοῦ θεοῦ καὶ ἡ δωρεὰ ἐν χάριτι τῇ τοῦ ἐνὸς ἀνθρώπου Ἰησοῦ Χριστοῦ εἰς τοὺς πολλοὺς ἐπερίσσευσε.
Tradução livre	(13) Antes pois da lei o <u>pecado</u> estava no mundo, o <u>pecado</u> mas não está sendo colocado na conta não sendo da lei. [...] (15) Mas não assim como a <u>transgressão</u> , portanto também a graça/o favor. Se então por meio de única <u>transgressão</u> os muitos morreram, muito mais a graça/o favor de Deus também o presente/a dádiva por meio da graça/do favor de único homem Jesus Cristo nos muitos abundou mais que suficiente.
Texto da NTLH	(13) Antes de a *lei ser dada, já existia o <u>pecado</u> no mundo; porém, quando não existe lei, Deus não leva em conta o <u>pecado</u> . [...] (15) mas existe uma diferença entre o <u>pecado</u> de Adão e o presente que Deus nos dá. De fato, muitos morreram por causa do <u>pecado</u> de um só homem; mas a *graça de Deus é muito maior, e ele dá a salvação gratuitamente a muitos, por meio da graça de um só homem, que é Jesus Cristo.

A NTLH, nesses dois versículos, optou por usar a mesma forma lexical, “pecado”, para ambas as opções do texto-fonte. No grego, a forma nominativa singular παραπτώματι expressa a falha em transgredir a vontade divina, já a forma nominativa singular ἁμαρτία tanto é sinônima da primeira (LOUW; NIDA, 2013, p. 688) quanto expressa o estado de pecaminosidade após a transgressão (ibidem, p. 672). Essa mesma escolha foi feita nas ocorrências do termo nos versículos 17 e 18. No versículo 13 o texto fonte trata da condição, do estado de pecaminosidade, enquanto o versículo 15 trata do ato de transgredir a lei, o que justifica o uso de dois vocábulos; independente disso, a NTLH opta por apenas um: “pecado”.

O curioso é que todas as ocorrências de ἁμαρτία e formas derivadas foram traduzidas na NTLH como “pecado”, em suas respectivas derivações. Contudo, além da escolha de traduzir a forma παραπτώματι e derivadas como sinônimos das formas de ἁμαρτία, em duas outras ocorrências esse vocábulo foi traduzido por uma oração explicativa (“desobedecer à ordem de Deus” - versículo 14) e pelo vocábulo “mal” (versículo 20). Assim, nenhuma das oportunidades de escolha por “transgressão” foi aproveitada e, ainda que se tenha três possibilidades, apenas a oração explicativa se aproxima do sentido do vocábulo, que poderia ter sido traduzido para o português.

Embora não haja perdas quanto ao sentido, a língua materna do leitor perde a oportunidade de ser enriquecida lexicalmente. Uma possibilidade é que a Comissão de Tradução da NTLH julgou que “transgressão” não fosse uma palavra presente no repertório linguístico popular do público-alvo da obra. Mas vale destacar que em outras versões como a *Almeida Revista e Atualizada* (1999), mais literalista que a NTLH, as duas formas estão presentes em suas devidas ocorrências.

4.2.7 DESTRUIÇÃO DAS REDES DE SIGNIFICANTES SUBJACENTES

Atrelada à tendência deformadora anterior, encontramos no texto da NTLH analisado a destruição das redes semânticas de significantes presentes no texto grego que, por imposição de uma das demais deformações, foram omitidos ou desconfigurados na tradução. Os casos de empobrecimento quantitativo que acabamos de analisar recaem agora, junto a outras ocorrências, nessa outra deformação.

No texto grego de *Romanos 5* há, como já apresentado, uma rede de significantes pertencentes ao campo semântico das causas jurídicas e dos relacionamentos (LOUW, NIDA, 2013): ἁμαρτία (“pecado”) e παράπτωμα (“transgressão”), cujos envolvidos podem ser chamados de ἐχθροὶ (“inimigos”), ἀσθενῶν (“fracos”) ou ἄσεβων (“ímpios”) e estão, por isso,

sob κατάκριμα (“condenação”) de sofrer a ὀργήs (“ira” - de Deus); desde que, pelo αἷματι (“sangue” - de Cristo), recebam o χάρισμα (“a graça/o favor”) e a δωρεὰ (“dádiva/presente”), símbolos da δικαιοσύνης (“justiça”) e da καταλλαγὴν (“reconciliação”), e sejam σωθησόμεθα (“salvos”), δικαιωθέντες (“justificados”) e κατηλλάγημεν (“reconciliados”), conquistando o προσαγωγήν (“acesso - a Deus”).

A NTLH, por meio da linearização do discurso, da clarificação e do alongamento, não deixa transparecer a ligação semântica desses termos ao leitor; ainda que ação das deformações não comprometa a compreensão da mensagem. Alguns deles nem mesmo constam na tradução em seus equivalentes literais, como παράπτωμα (“transgressão”), δικαιοσύνης (“justiça”) e καταλλαγὴν (“reconciliação”). Outros dispõem de mais de uma opção de tradução, como ἁμαρτία (“pecado”, “mal”, “desobedecer às leis”) e δικαιοσύνης (“aceitar pessoas”, “libertar”). Podemos relacionar essa deformação a uma das razões das críticas que teólogos e estudiosos da Bíblia em geral fazem à NTLH. A omissão de vocábulos e a destruição da rede de significantes afeta uma compreensão mais profunda do texto, problema não encontrado na versão *Almeida Século XXI*, a qual, apesar de propor uma linguagem moderna, tem como um de seus pilares primar pelo rigor exegético do texto-fonte da Bíblia (BÍBLIA, 2010, p. 9). Nesta versão, a rede de significantes foi mantida conforme se pode ver nessa passagem de *Romanos 5: 10-11, 15-16* (ibidem, p. 1641-1642) abaixo:

[...] Assim, agora, justificados pelo seu sangue, muito mais ainda seremos por ele salvos da ira. Porque se nós, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados seremos salvos pela sua vida. E não somente isso, mas também nos gloriamos em Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual recebemos agora a reconciliação.

[...] Mas a dádiva gratuita não é como o caso da transgressão; porque, se pela transgressão de um muitos morreram, muito mais a graça de Deus, e a dádiva pela graça de um só homem, Jesus Cristo, transbordou para muitos. Também a dádiva não é como o caso da transgressão, que veio por meio de um só que pecou; pois o juízo veio de uma só transgressão para a condenação, mas a dádiva gratuita veio de muitas transgressões para a justificação.

Podemos buscar compreender e respeitar a razão que levou os tradutores a desfazerem essa rede de significantes atentando para o projeto da tradução da NTLH que preconiza a simplificação da linguagem e a adequação da mesma à realidade linguística do público-alvo. É preciso considerar que a taxa de analfabetismo atingiu a marca de 48% no final da década de 1960-1970 e que o vocabulário da população não era maior que três mil palavras (ABNB, 2013, p. 17).

4.2.8 DESTRUIÇÃO DOS SISTEMATISMOS

O grego e o português são, evidentemente, línguas diferentes com sistemas linguísticos diferentes, pois, enquanto a primeira é analítica, a segunda é sintética. Não apenas isso, mas, no caso da Bíblia e da tradução da NTLH, trata-se de registros linguísticos específicos. O Novo Testamento foi escrito em grego coíné, o qual “descreve o vernáculo comum empregado no dia-a-dia das pessoas em geral, [...] uma forma simplificada do grego clássico” (MOUNCE, 2009, p. 1). De acordo com o projeto tradutório da NTLH, a variedade falada do português brasileiro seria privilegiada nessa tradução, o que torna difícil não romper com o sistema do grego. Esse princípio, somado à configuração geral da língua e às atuações das tendências deformadoras, distanciam ainda mais os sistemas linguísticos envolvidos na tradução. Além das análises já realizadas até aqui, consideremos como exemplo a tradução do versículo 16:

Tabela 11: Destruição dos sistematismos em Romanos 5: 16

Texto-fonte em grego	(16)καὶ οὐχ ὡς δι' ἑνὸς ἁμαρτήσαντος τὸ δῶρημα· τὸ μὲν γὰρ κρίμα ἐξ ἑνὸς εἰς κατὰκριμα, τὸ δὲ χάρισμα ἐκ πολλῶν παραπτωμάτων εἰς δικαίωμα.
Tradução livre	(16)Também não assim como por causa de único que tem estado pecado/ pecou o presente/a dádiva; por um lado pois julgamento/sentença de único (homem) em condenação, por outro lado a graça/o favor (de único homem) a partir de muitas transgressões (abundou mais que suficiente) em justificação.
Texto da NTLH	(16)E existe uma diferença entre <u>aquilo que Deus dá e o pecado de um só homem.Porque, no caso do pecado, a condenação veio por causa de um só pecado.Porém, no caso da salvação, Deus perdoa os que têm cometido muitos pecados, embora não mereçam esse perdão.</u>

No versículo 16, encontramos várias formas que, ao longo do *corpus*, consolidam essa destruição. O primeiro caso é o já disutido uso de orações explicativas para esclarecer os termos δῶρημα, “dom/presente” e χάρισμα, “graça/favor”. Vale salientar que a sentença “embora não mereçam, esse perdão” não consta lexicalmente no texto fonte; antes, faz parte do sentido de χάρισμα, o qual denota um favor imerecido, explicitado pelo alongamento com vistas à clarificação.

O segundo caso é a tradução do particípio indefinido (ou aoristo) ativo ἁμαρτήσαντος, “único (homem) que tem estado pecado/ pecou”, por um sintagma nominal: ‘o pecado’. O particípio indefinido normalmente exprime uma ação anterior ou concomitante à expressa pelo verbo principal, podendo ou não ter uma relação temporal imbricada (ibidem, p. 311). Como o referido particípio em grego é caracterizado pelo aspecto indefinido, não pontual, e sua tradução é não é exata, podemos supor que a escolha pelo sintagma nominal encontre aqui sua justificativa. Normalmente, conforme mostra a tabela abaixo, diante dos particípios a NTLH preferiu traduzir por formas verbais ou, como nesse versículo, nominais, salvo δικαιωθέντες (“justificados”) traduzido por “aceitos”.

Tabela 12: Tradução dos particípios gregos pela NTLH

Texto-fonte em grego/ Tipo de particípio	Tradução livre	Texto da NTLH
Rm 5:1 - Δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως [...] - particípio indefinido passivo	Rm 5:1 - <u>(Depois de)</u> <u>justificados</u> portanto pela fé (...)	Rm 5:1 - <u>Agora que fomos aceitos</u> por Deus pela nossa fé nele (...)
Rm 5:3 - οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ καυχώμεθα ἐν ταῖς θλίψεσιν, εἰδότες [...] - particípio perfeito ativo	Rm 5:3 - Não somente e, mas também continuamos a nos gloriar/nos gloriamos em as tribulações/os sofrimentos, <u>depois de/tem sido conhecidos</u> (...)	Rm 5:3 - E também nos alegramos nos sofrimentos, pois sabemos que os sofrimentos produzem a paciência
Rm 5:10 - [...] πολλῶ μᾶλλον καταλλαγέντες σωθησόμεθα ἐν τῇ ζωῇ αὐτοῦ - particípio indefinido passivo	Rm 5:10 - [...] muito mais <u>(depois de) reconciliados</u> seremos salvos pela vida dele.	Rm 5:10 - [...] E, <u>agora que somos amigos de Deus</u> , é mais certo ainda que seremos salvos pela vida de Cristo.
Rm 5:11 - οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ καυχώμενοι ἐν τῷ θεῷ [...] - particípio presente médio	Rm 5:11 - Não somente e, porém também <u>gloriando em</u> Deus [...]	Rm 5:11 - E não somente isso, mas também <u>nós nos alegramos</u> por causa daquilo que Deus fez [...]
Rm 5:14 - [...] καὶ ἐπὶ τοὺς μὴ ἁμαρτήσαντας ἐπὶ τῷ ὁμοιώματι	Rm 5:14 - [...] também sobre os que não <u>tem estado pecado</u> pela	Rm 5:14 - [...] mesmo os que não <u>pecaram</u> como Adão,

τῆς παραβάσεως Ἀδάμ [...] - particípio indefinido ativo	semelhança da transgressão (de) Adão [...]	quando ele desobedeceu à ordem de Deus. [...]
--	---	--

Voltando à análise do versículo 16, encontramos outra diferença entre os sistemas linguísticos: o sintagma nominal *πολλῶν παραπτωμάτων*, “muitas transgressões”, é traduzido como “os que têm cometido muitos pecados”, ou seja, uma oração subordinada substantiva objetiva direta. O caso seguinte de destruição dos sistematismos trata da tradução das conjunções *τὸ μὲν*, “por um lado”, e *τὸ δὲ*, “por outro lado”, que colocaram as duas sentenças a elas relacionadas em justaposição. Essas conjunções juntas são correlativas (ibidem, p. 123), paralelismo que não se mantém diante da racionalização e da tradução por “porque” e “porém”.

Apesar de tanta destruição, essa deformação não afeta todos os versículos nessa mesma proporção, nem causa perdas relevantes de significados. Antes de ser vista como uma vilã, precisamos entender que

se queremos fazer com que nossos compatriotas vejam claramente o que um escritor foi para sua língua, não podemos propor nenhuma fórmula melhor que o apresentar falando como temos que pensar que haveria falado na nossa, sobretudo, se o grau de evolução em que ele falou sua língua tem semelhança com aquele em que precisamente se encontra a nossa. (SCHLEIERMACHER, [1813] 2010, p. 79).

Ou seja, uma vez que as duas línguas envolvidas se manifestam em registros linguísticos semelhantes, a destruição dos sistematismos é uma consequência necessária ou, antes, mais do que esperada, dada a diferença natural entre elas, para a realização de uma tradução de cunho etnocêntrico e, por essa razão, também hipertextual.

4.2.9 HOMOGENEIZAÇÃO

Berman (2013, p. 77) pouco dissertou sobre essa deformação, embora a julgasse importante para ser considerada à parte das demais. É a deformação da unificação e da uniformização do texto. Essa deformação se caracteriza como resultado das ações das demais. Compreendendo que o objetivo da Comissão de Tradutores da NTLH era primar por um texto bíblico em linguagem moderna e que as muitas ocorrências de tendências deformadoras estavam alinhadas com este objetivo, podemos dizer que há homogeneização no *corpus* analisado. Suas características próprias o distinguem do texto grego, de modo que aquilo que poderia soar estranho ou estrangeiro (como alguns vocábulos de cunho teológico e algumas

estruturas linguísticas próprias) foi evitado por meio de rearranjos e escolhas que resultaram na construção de uma faceta própria ao texto de *Romanos 5* na NTLH.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu da inquietação provocada pelas constantes críticas formais e informais feitas à *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* da Bíblia. Por essa razão, a fim de as embasar teórico-metodologicamente, partimos para uma crítica tradutória a partir da Analítica da Tradução de Antoine Berman (2013). Levantamos a hipótese de que o sistema de deformações apresentado pelo autor poderia ser aplicado ao texto traduzido. Diante dos resultados encontrados e das discussões realizadas a partir deles, acreditamos que nossa hipótese foi comprovada, munindo-nos de embasamento sólido para contribuir com a crítica geral à essa e outras traduções do gênero em suas áreas de interesse.

Conforme vimos, as versões bíblicas em linguagem comum remontam a muitos séculos atrás, desde a *Vulgata*, passando pelas traduções vernaculares da Idade Média e chegando, mais recentemente, às versões em linguagem contemporânea. Muitas delas, em razão de seus projetos de tradução, se caracterizam como etnocêntricas e hipertextuais, como é o caso da NTLH. Esse jogo com a linguagem, primando pela língua de chegada em detrimento da de partida, pode despertar uma série de críticas e questionamentos quanto à fidelidade da tradução ao texto-fonte e até mesmo, conforme aponta Raupp (2015, p. 94-95), à acusação de serem influenciadas ideológica e doutrinariamente:

[...] é válido mencionar que há especialistas que têm observado que os projetos de tradução da Bíblia com essa característica, ao primarem por uma excessiva utilização de linguagem popular, podem estar oferecendo ao público mais uma paráfrase interpretativa por vezes conduzida por convicções ideológico-doutrinárias do que uma tradução propriamente dita.

O objetivo da apresentação do projeto tradutório da versão, do horizonte e da posição tradutiva dos tradutores da NTLH era poder compreendê-la em seu aspecto interno e externo. Notamos uma relevante aproximação da tradução ao texto-fonte apesar das tendências deformadoras encontradas. Reiteramos que a simplificação lexical e sintática, principais resultados das ações das deformações encontradas, estão a serviço da compreensão de um determinado público leitor linguisticamente demarcado pelo projeto tradutório da obra. Embora não desconsideremos que o *corpus* analisado é limitado para tecermos generalizações a, pelo menos, todo o Novo Testamento da NTLH, concluímos que as ocorrências não mostraram ser suficientemente nocivas à transmissão da mensagem do texto-fonte para julgarmos a referida tradução como (gravemente) defeituosa (BERMAN, 1995). Pelo contrário: o projeto tradutório justifica as deformações e infunde respeito e consideração pelo

trabalho de mais de trinta anos dos tradutores envolvidos, desde a primeira edição. A tradução, assim, cumpre com o papel a que se propõe (MILLER; HUBBER, 2006).

Por fim, diante dos dados e discussões deste trabalho, gostaríamos sugerir algumas pesquisas que poderiam complementar, aprofundar ou dar continuidade ao que iniciamos aqui. A primeira proposta é de ampliar análise do texto bíblico a fim de assegurar a generalização dos resultados desta pesquisa a partir de um banco de dados maior. É fato que os limites desta pesquisa não nos permitiram analisar um *corpus* proporcional à extensão da obra como um todo. A segunda, na linha da anterior, é analisar o Antigo Testamento nas mesmas condições estabelecidas aqui; o que não foi feito por limitações de ordem técnica e instrumental. A terceira proposta é investigar a produtividade das tendências deformadoras segundo o gênero textual, já que a ocorrência de duas das tendências citadas por Berman (2013) não era esperada em razão do gênero do *corpus*. A quarta sugestão é a investigação da recorrência dos dados em outras traduções bíblicas em linguagem contemporânea ou etnocêntricas, como a *Almeida Século XXI* mencionada na análise. Além dessas, pode-se investigar a relação entre as tendências deformadoras nessas traduções e a recepção da tradução pelo público, a fim de compreender quais as deformações que causam mais resistência aos críticos contrários à tradução. A penúltima sugestão é o estudo da relação entre as deformações e a manutenção do estilo do autor dado o nível de comprometimento do projeto tradutório com ele. A última proposta é analisar a extensão da destruição dos sistematismos na tradução entre línguas co-irmãs, como as neolatinas, a fim de verificar a extensão dos distanciamentos ou dos encontros.

Não nos compete determinar a extensão das implicações desta pesquisa. Nossa expectativa enunciada na Introdução era a de que este trabalho se presta a quebrar paradigmas entre discurso religioso e acadêmico, contribuir para o avanço dos Estudos da Tradução e da atividade de crítica tradutória e auxiliar de alguma forma numa melhor receptividade da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* da Bíblia nos círculos mais conservadores e academicistas. Esperamos que, de alguma forma, tenhamos conseguido lançar alguma luz nesse sentido e esperamos que outros, seguindo ou não nossas sugestões, possam juntar-se nesse empreendimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA NO BRASIL. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje: 40 anos de história*. Ed. 240. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

BARNWELL, Katharine. *Tradução bíblica: um curso introdutório aos princípios básicos da tradução*. Tradução de Mary Daniel. 3ª ed. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil; Anápolis, Goiás: Associação Internacional de Linguística, 2011.

BECKWITH, R. T. O cânon do Antigo Testamento. In.: COMFORT, Philip Wesley. *A origem da Bíblia*. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998, p. 69-83.

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

_____. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. *Jacques Amiot, traducteur français*. Paris: Belin, 2012.

_____. *L'Âge de la traduction: "La tâche du traducteur" de Walter Benjamin: un commentaire*. Paris: PUV, 2008.

_____. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2ª ed. Florianópolis: Tubarão: Copiart; PGET/UFSC, 2013.

BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia Almeida Século XXI*. São Paulo: Hagnos, 2010.

_____. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. – Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

_____. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

_____. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BÍBLIA DE ESTUDO MACARTHUR. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

BIBLIOTECA BATISTA INDEPENDENTE ONLINE. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje: velha enganação na linguagem dos apóstatas*. 2001. Disponível em: <<http://www.baptistlink.com/creationists/ntlh.htm>>, acesso em 27 de fevereiro de 2016.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. Tradução de Israel Belo de Azevedo e Valdemar Kroker. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPOS, Geir. *O que é tradução*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. *Pequena gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

COMFORT, Philip Wesley. História da Bíblia em Língua Inglesa e em Língua Portuguesa. IN.: COMFORT, Philip Wesley. *A origem da Bíblia*. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998, p. 301-338.

CRANFIELD, C. E. B. *Comentário de Romanos versículo por versículo*. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Vida Nova, 2005.

DESLILE, Jean; WOODSWORTH, Judith (orgs.). Os tradutores e a difusão das religiões. IN.: *Os tradutores na História*. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática: 1998, p. 170-197.

FRANCO, Luma Queiroz. *Tradução bíblica: uma análise comparativa sobre a forma e o significado*. Monografia apresentada ao curso de Letras-Tradução da Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Traduções e aproximações indígenas à mensagem cristã. *Revista Cadernos de Tradução*, n. 30, vol. 2. Santa Catarina: UFSC, 2012, p. 63-82.

GEISLER, Norman; NIX, William. *Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 2006.

GENTZLER, Edwin. *Teorias contemporâneas da tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. 2ª ed. São Paulo: Editora Madras, 2009.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GIRALDI, Luiz Antônio. *História da Bíblia no Brasil*. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013a.

_____. *A Bíblia no Brasil República: como a liberdade religiosa impulsionou a divulgação da Bíblia no país de 1889 a 1948*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013b.

_____. *A Bíblia no Brasil Império: como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013c.

GOHN, Carlos Alberto. Pesquisa em torno de textos sensíveis: os livros sagrados. IN.: PAGANO, Adriana Silvina (org.). *Metodologias de pesquisa em Tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001, p. 147-170.

GOMES, Paulo Sérgio; OLIVETTI, Odayr. *Novo Testamento interlinear analítico grego-português*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

GUIDÈRE, Mathieu. *Introduction à la traductologie : penser la traduction : hier, aujourd'hui, demain*. 2^{ème} ed. Bruxelles : Groupe De Boeck, 2010.

HOUSE, J. *Translation quality assessment — a model revisited*. Tübingen: Narr, 1997.

_____. How do we know when a translation is good. In: STEINER, E.; YALLOP, C. *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Berlin/New York; Mouton de Gruyter, 2001.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estatísticas do século XX: populacionais, sociais, políticas e culturais*. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais>>. Acesso em 06 de setembro de 2016.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 19ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

LEGROSKI, Marina Chiara. *O latim vulgar na Vulgata de Jerônimo*. Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Letras com concentração em Estudos Linguísticos na Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

LIMA, Francinaldo de Souza; PINHEIRO-MARIZ, Josilene. *Ponderações sobre a tradução bíblica para linguagem contemporânea*. Revista UNIABEU, v. 9, n. 21, 2016, p. 32-46.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene A. (editores). *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

LUTERO, Martinho. Carta aberta sobre a tradução. Tradução de Mauri Furlan. IN.: IN.: FURLAN, Mauri. (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução: antologia bilíngue*. Vol. 4: Renascimento. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006, p. 91-115.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MILLER, S. M; HUBER, R. V. *A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

MOUNCE, William D. *Fundamentos do grego bíblico: livro de gramática*. São Paulo: Editora Vida, 2009.

NETO, Antônio Fernandes Góes. *O Novo Testamento em nyengatu (1973): um capítulo na história das traduções bíblicas para línguas indígenas*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

NIDA, Eugene E. *Toward A Science of Translating*. Leiden: Brill, 1964.

PAGANO, Adriana Silvina (org.). *Metodologias de pesquisa em Tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

PINHEIRO, Carolina Dias. *Prefácios bíblicos: o tradutor do texto bíblico se faz visível*. Monografia apresentada ao curso de Letras-Tradução da Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

RAUPP, Marcelo. *Uma análise descritiva de três traduções brasileiras da Bíblia a partir de alterações introduzidas nos manuscritos em língua original*. Dissertação de Mestrado

apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

_____. *A história da transmissão e da tradução da Bíblia em nível mundial e no Brasil e as marcas ideológicas nas primeiras traduções brasileiras completas dessa obra*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

REISS, K.; VERMEER, H. J. *Fundamentos para una teoría funcional de la traducción*. Madrid: Akal, 1996.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braidão. IN.: HEIDERMAN, Werner (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução: antologia bilíngue alemão-português*. Vol. 1. 2ª ed. Florianópolis: PGET/UFSC, 2010, p. 37-101.

SCHOLZ, Vilson. Bíblia de Almeida: sua origem, as revisões e os princípios envolvidos. IN.: SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Fórum de Ciências Bíblicas: 1600 anos da primeira grande tradução ocidental da Bíblia – Jerônimo e a tradução da Vulgata Latina*. Vol.1. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, p. 7-35.

_____. *A Nova Tradução na Linguagem de Hoje é confiável?*. Site da Revista Ultimato, 11 de dezembro de 2014. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/a-nova-traducao-na-linguagem-de-hoje-e-confiavel>>, acesso em 22 de julho de 2016.

SILVA, Severino Pedro da. *A Bíblia: o livro de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

SILVA, Wanessa Gonçalves. A analítica bermaniana aplicada a uma tradução de Macbet. *Scientia Translationis*, Florianópolis, n. 3, jan. 2006, p. 1-12.

TABER, Charles R. Traduire le sens, traduire le style. In: *Langages*, 7e année, n°28, 1972, p. 55-63.

TEIXEIRA, Paulo; ZIMMER, Rudi. Traduções da Bíblia: história, princípios e influência. IN.: SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Manual do Fórum de Ciências Bíblicas*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 41-70.

VENUTI, Lawrence. . *The Translator's Invisibility*. A history of translation. London; New York: Routledge 1995 (Translation Studies 5).

ANEXO 1 - TEXTO-FONTE EM GREGO DE ROMANOS 5²²

1 Δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως, εἰρήνην ἔχομεν πρὸς τὸν θεὸν διὰ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, **2** δι' οὗ καὶ τὴν προσαγωγὴν ἐσχίκαμεν τῇ πίστει εἰς τὴν χάριν ταύτην ἐν ἣ ἐστήκαμεν, καὶ καυχώμεθα ἐπ' ἐλπίδι τῆς δόξης τοῦ θεοῦ. **3** οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ καυχώμεθα ἐν ταῖς θλίψεσιν, εἰδότες ὅτι ἡ θλίψις ὑπομονὴν κατεργάζεται, **4** ἡ δὲ ὑπομονὴ δοκιμὴν, ἡ δὲ δοκιμὴ ἐλπίδα. **5** Ἡ δὲ ἐλπίς οὐ κατασχύνει, ὅτι ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ ἐκκέχυται ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν διὰ πνεύματος ἁγίου τοῦ δοθέντος ἡμῖν.

6 Ἐτι γὰρ Χριστὸς, ὄντων ἡμῶν ἀσθενῶν, ἔτι κατὰ καιρὸν ὑπὲρ ἀσεβῶν ἀπέθανεν. **7** Μόλις γὰρ ὑπὲρ δικαίου τις ἀποθανεῖται, ὑπὲρ γὰρ τοῦ ἀγαθοῦ τάχα τις καὶ τολμᾷ ἀποθανεῖν. **8** Συνίστησιν δὲ τὴν ἑαυτοῦ ἀγάπην εἰς ἡμᾶς ὁ θεὸς, ὅτι ἔτι ἀμαρτωλῶν ὄντων ἡμῶν, Χριστὸς ὑπὲρ ἡμῶν ἀπέθανεν. **9** Πολλῶ οὖν μᾶλλον, δικαιωθέντες νῦν ἐν τῷ αἵματι αὐτοῦ, σωθησόμεθα δι' αὐτοῦ ἀπὸ τῆς ὀργῆς. **10** Εἰ γὰρ ἐχθροὶ ὄντες κατηλλάγημεν τῷ θεῷ διὰ τοῦ θανάτου τοῦ Υἱοῦ αὐτοῦ, πολλῶ μᾶλλον καταλλαγέντες σωθησόμεθα ἐν τῇ ζωῇ αὐτοῦ. **11** Οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ καυχώμενοι ἐν τῷ θεῷ διὰ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, δι' οὗ νῦν τὴν καταλλαγὴν ἐλάβομεν.

12 Διὰ τοῦτο, ὥσπερ δι' ἐνὸς ἀνθρώπου ἡ ἀμαρτία εἰς τὸν κόσμον εἰσηλθε, καὶ διὰ τῆς ἀμαρτίας ὁ θάνατος, καὶ οὕτως εἰς πάντας ἀνθρώπους ὁ θάνατος διηλθεν, ἐφ' ᾧ πάντες ἥμαρτον. **13** Ἄχρι γὰρ νόμου ἀμαρτία ἦν ἐν κόσμῳ, ἀμαρτία δὲ οὐκ ἐλλογεῖται, μὴ ὄντος νόμου. **14** Ἄλλ' ἐβασίλευσεν ὁ θάνατος ἀπὸ Ἀδάμ μέχρι Μωϋσέως καὶ ἐπὶ τοὺς μὴ ἀμαρτήσαντας ἐπὶ τῷ ὁμοιώματι τῆς παραβάσεως Ἀδάμ, ὅς ἐστιν τύπος τοῦ μέλλοντος. **15** Ἄλλ' οὐχ ὡς τὸ παράπτωμα, οὕτω καὶ τὸ χάρισμα. Εἰ γὰρ τῷ ἐνὸς παραπτώματι οἱ πολλοὶ ἀπέθανον, πολλῶ μᾶλλον ἡ χάρις τοῦ θεοῦ καὶ ἡ δωρεὰ ἐν χάριτι τῇ τοῦ ἐνὸς ἀνθρώπου Ἰησοῦ Χριστοῦ εἰς τοὺς πολλοὺς ἐπερίσσευσε. **16** Καὶ οὐχ ὡς δι' ἐνὸς ἀμαρτήσαντος, τὸ δῶρημα· τὸ μὲν γὰρ κρίμα ἐξ ἐνὸς εἰς κατάκριμα, τὸ δὲ χάρισμα ἐκ πολλῶν παραπτωμάτων εἰς δικαίωμα. **17** Εἰ γὰρ τῷ ἐνὸς παραπτώματι ὁ θάνατος ἐβασίλευσεν διὰ τοῦ ἐνός, πολλῶ μᾶλλον οἱ τὴν περισσεῖαν τῆς χάριτος καὶ τῆς δωρεᾶς τῆς δικαιοσύνης λαμβάνοντες ἐν ζωῇ βασιλεύσουσιν διὰ τοῦ ἐνός Ἰησοῦ Χριστοῦ. **18** Ἄρα οὖν ὡς δι' ἐνός παραπτώματος εἰς πάντας ἀνθρώπους εἰς κατάκριμα, οὕτως καὶ δι' ἐνός δικαίωματος εἰς πάντας ἀνθρώπους εἰς δικαίωσιν ζωῆς. **19** Ὅσπερ γὰρ διὰ τῆς παρακοῆς τοῦ ἐνός ἀνθρώπου ἀμαρτωλοὶ κατεστάθησαν οἱ πολλοί, οὕτως καὶ διὰ τῆς ὑπακοῆς τοῦ ἐνός δίκαιοι κατασταθήσονται οἱ πολλοί. **20** Νόμος δὲ παρεῖσηλθεν ἵνα πλεονάσῃ τὸ παράπτωμα. Οὗ δὲ ἐπλεόνασεν ἡ ἀμαρτία, ὑπερεπερίσσευσεν ἡ χάρις, **21** ἵνα ὥσπερ ἐβασίλευσεν ἡ ἀμαρτία ἐν τῷ

²² GOMES; OLIVETTI, 2015, p. 597-599.

θανάτω, οὕτως καὶ ἡ χάρις βασιλεύσῃ διὰ δικαιοσύνης εἰς ζωὴν αἰώνιον διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ
τοῦ κυρίου ἡμῶν.

ANEXO 2 – ROMANOS 5: VERSÃO NTLH²³

1 Agora que fomos aceitos por Deus pela nossa fé nele, temos paz com ele por meio do nosso Senhor Jesus Cristo. **2** Foi Cristo quem nos deu, por meio da nossa fé, esta vida na *graça de Deus. E agora continuamos firmes nessa graça e nos alegramos na esperança de participar da *glória de Deus. **3** E também nos alegramos nos sofrimentos, pois sabemos que os sofrimentos produzem a paciência, **4** a paciência traz a aprovação de Deus, e essa aprovação cria a esperança. **5** Essa esperança não nos deixa decepcionados, pois Deus derramou o seu amor no nosso coração, por meio do Espírito Santo, que ele nos deu.

6 De fato, quando não tínhamos força espiritual, Cristo morreu pelos maus, no tempo escolhido por Deus. **7** Dificilmente alguém aceitaria morrer por uma pessoa que obedecesse às *leis. Pode ser que alguém tenha coragem para morrer por uma pessoa boa. **8** Mas Deus nos mostrou o quanto nos ama: Cristo morreu por nós quando ainda vivíamos no pecado. **9** E, agora que fomos aceitos por Deus por meio da morte de Cristo na cruz, é mais certo ainda que ficaremos livres, por meio dele, do castigo de Deus. **10** Nós éramos inimigos de Deus, mas ele nos tornou seus amigos por meio da morte do seu Filho. E, agora que somos amigos de Deus, é mais certo ainda que seremos salvos pela vida de Cristo. **11** E não somente isso, mas também nós nos alegramos por causa daquilo que Deus por meio do nosso Senhor Jesus Cristo, que agora nos tornou amigos de Deus.

12 O pecado entrou no mundo por meio de um só homem, e o seu pecado trouxe consigo a morte. **13** Como resultado, a morte se espalhou por toda a raça humana porque todos pecaram. Antes de a *lei ser dada, já existia o pecado no mundo; porém, quando não existe lei, Deus não leva em conta o pecado. **14** Mas, desde o tempo de Adão até Moisés, a morte dominou todos os seres humanos, mesmo os que não pecaram como Adão, quando ele desobedeceu à ordem de Deus.

Adão era a figura daquele que havia de vir, **15** mas existe uma diferença entre o pecado de Adão e o presente que Deus nos dá. De fato, muitos morreram por causa do pecado de um só homem; mas a *graça de Deus é muito maior, e ele dá a salvação gratuitamente a muitos, por meio da graça de um só homem, que é Jesus Cristo. **16** E existe uma diferença entre aquilo que Deus dá e o pecado de um só homem. Porque, no caso do pecado, a condenação veio por causa de um só pecado. Porém, no caso da salvação, Deus perdoa os que têm cometido muitos pecados, embora não mereçam esse perdão. **17** É verdade que, por causa de

²³ BÍBLIA, 2012, p. 1144-1145.

um só homem e por meio do seu pecado, a morte começou a dominar a raça humana. Mas o resultado do que foi feito por um só homem, Jesus Cristo, é muito maior! E todos aqueles que Deus aceita e que recebem como presente a sua imensa graça reinarão a nova vida, por meio de Cristo.

18 Portanto, assim como um só pecado condenou todos os seres humanos, assim também um só ato de salvação liberta todos e lhes dá vida. **19** E assim como muitos seres humanos se tornaram pecadores por causa da desobediência de um só homem, assim também muitos serão aceitos por Deus por causa da obediência de um só homem.

20 A lei veio para aumentar o mal. Mas, onde aumentou o pecado, a graça de Deus aumentou muito mais ainda. **21** E isso aconteceu a fim de que, assim como o pecado dominou e trouxe a morte, assim também a graça de Deus, que o leva a aceitar as pessoas, dominasse e trouxesse a vida eterna. Essa vida é nossa por meio do nosso Senhor Jesus Cristo.

APÊNDICE 1 – TRADUÇÃO LIVRE GREGO-PORTUGUÊS DE *ROMANOS 5*

1(Depois de) justificados portanto pela fé, paz temos com o Deus por meio do Senhor nosso Jesus Cristo, **2**por causa de quem também acesso/meio de aproximação temos tido pela fé em esta graça em a qual (temos) estado firmes, e continuamos a nos gloriar/nos gloriamos na esperança da glória de Deus. **3**Não somente e, mas também continuamos a nos gloriar/nos gloriamos em as tribulações/os sofrimentos, depois de/tem sido conhecidos porque a tribulação/o sofrimento paciência perseverante está produzindo/sendo produzida/produz, **4**e a paciência perseverante (está produzindo/sendo produzida/produz) a qualidade de ser aprovado/caráter e a qualidade de ser aprovado/caráter (está produzindo/sendo produzida/produz) a esperança. **5**E a esperança não envergonha publicamente, porque o amor de Deus está completamente derramado em os corações nossos por meio do Espírito Santo (depois de) dado a nós.

6De fato/Pois Cristo, enquanto éramos/sendo nós fracos, em tempo em prol dos ímpios morreu. **7**Difícilmente/Com dificuldade pois em prol de um cidadão-modelo/justo/reto alguém morrerá, pois pelo/em favor do bom provavelmente alguém e ouse morrer. **8**Mas demonstra o amor dele mesmo nos (a nós) o Deus, porque ainda pecadores sendo nós, Cristo por nós/em nosso favor morreu. **9**Portanto, muito mais, (depois de) justificados agora pelo sangue dele, seremos salvos através dele para fora/longe da ira. **10**Se pois inimigos sendo fomos reconciliados com Deus por meio da morte do Filho dele, muito mais (depois de) reconciliados seremos salvos pela vida dele. **11**Não somente e, porém também gloriando em Deus por meio do Senhor nosso Jesus Cristo, por causa de quem agora reconciliação recebemos.

12Por meio (este), assim como por único homem o pecado em o mundo entrou, também por causa do pecado (entrou) a morte, também dessa forma para (dentro de) cada homem/todos os homens a morte passou (pelo meio/atravessou), por causa de que cada um pecou/todos Zecaram. **13**Antes pois da lei o pecado estava no mundo, o pecado mas não está sendo colocado na conta não sendo da lei. **14**Mas reinou a morte de/a partir de Adão até Moisés também sobre os que não tem estado pecado pela semelhança da transgressão (de) Adão, o qual é forma/padrão/modelo daquele é vindo. **15**Mas não assim como a transgressão, portanto também a graça/o favor. Se então por meio de única transgressão os muitos morreram, muito mais a graça/o favor de Deus também o presente/a dádiva por meio da graça/do favor de único homem Jesus Cristo nos muitos abundou mais que suficiente. **16**Também não assim como por causa de único que tem estado pecado/ pecou o presente/a

dáviva; por um lado pois julgamento/sentença de único (homem) em condenação, por outro lado a graça/o favor (de único homem) a partir de muitas transgressões (abundou mais que suficiente) em justificação. **17**Se pois por única transgressão a morte reinou por causa de único (homem), muito mais pela abundância da graça/do favor e da dávida/do presente da justiça recebendo/enquanto recebeu em vida reinará por meio de único (homem) Jesus Cristo. **18**Portanto assim como por única transgressão todos os homens em condenação, assim também por único ato de justiça em todos os homens para justificação vida. **19**Assim como pois pela indisposição para ouvir/desobediência de único homem pecadores foram constituídos os muitos, assim também pela obediência de único (homem) justos serão constituídos os muitos. **20**Mas a lei existiu a fim de que pudesse tornar maior/crescesse a transgressão. Onde tornou maior/cresceu o pecado, transbordou o dom da graça, **21**a fim de que assim como reinou o pecado pela morte, assim também o dom da graça pudesse reinar pela justiça pela vida eterna em Jesus Cristo o Senhor nosso.